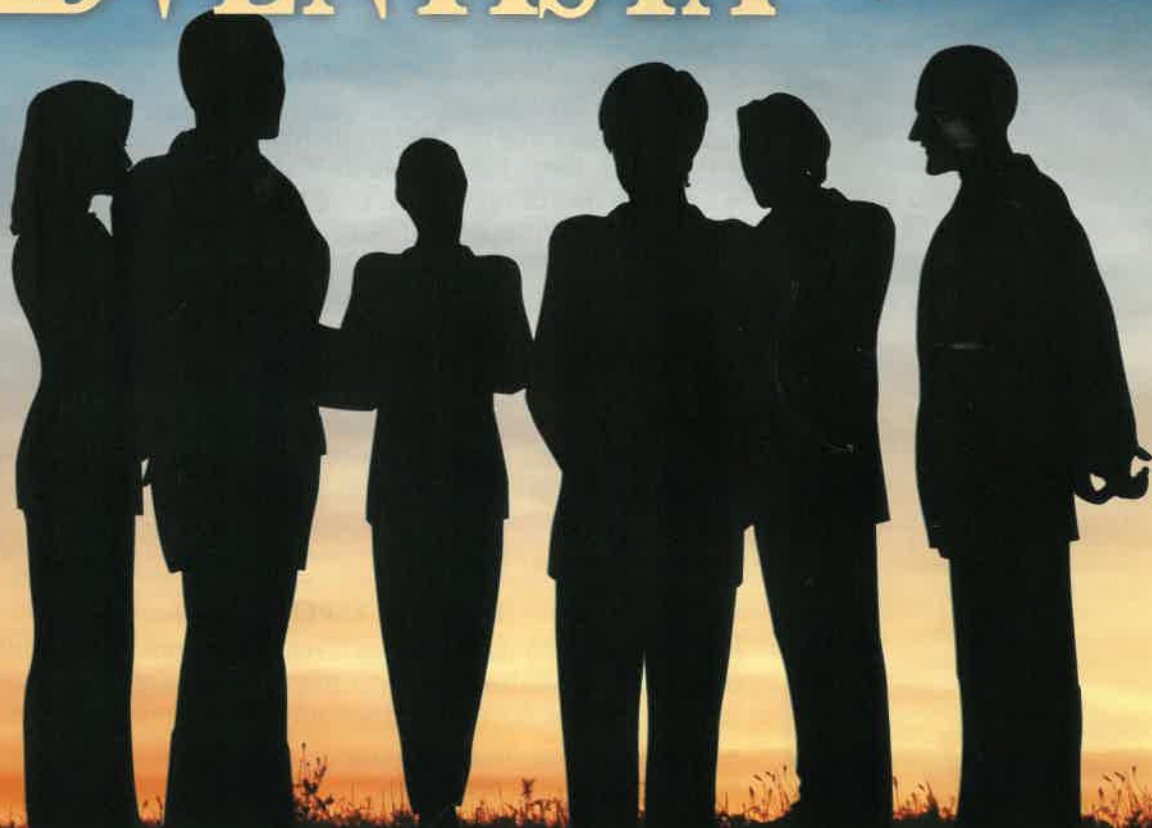


Revista ADVENTISTA

FEVEREIRO - 2010



APENAS MAIS UMA IGREJA?

*Muitas perguntas
e algumas respostas
importantes*



Revista ADVENTISTA

ÍNDICE

- 2 Memo/Anúncios**
- 3 Editorial**
O Caminho para a Esperança
- 6 Artigo de Fundo**
Apenas Mais uma Igreja?
- 10 Ciência e Religião XIII**
A Verdade sobre o Cristianismo I – Os Novos Ataques dos Antigos Ateus
- 15 Educação**
Filosofia da Educação Cristã e Integração Fé e Ensino
- 21 Bíblia**
Reflexões Acerca da Observância do Sábado
- 26 Vida Cristã**
Encontrando Deus no Dia-a-dia
- 29 A Igreja em Acção**
- 32 Devocional**
“Não, Não Consigo”?
- 35 Reflexão**
É o Fim, Meu Amigo!



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

DIAS E OFERTAS ESPECIAIS:

FEVEREIRO

- Jornadas J.A. ----- 6
- Oferta para a AWR (Oferta para a Divisão) ----- 6
- Escola de Formação JA, Região Eclesiástica do Alentejo e Algarve, em Portalegre ----- 19-21
- Congresso Nacional de Universitários ----- 26-28

MARÇO

- Semana de Oração de Jovens ----- 6-13
- Dia da Juventude Adventista Mundial / Oferta SVA / Oferta da Divisão ----- 13
- Dia Internacional de Oração da Mulher ----- 20
- Primeiras Jornadas Sociais da ASA ----- 21
- Semana de Formação J.A. para Pastores ----- 21-26
- Escola de Formação J.A., R.E. Centro ----- 26-28

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

Este mês de Fevereiro vamos orar pelos seguintes campos e instituições da nossa Divisão:

- 1 a 5 – Associação da Muntenia (RU)
- 8 a 12 – Associação da Suíça Alemã (SU)
- 15 a 19 – Instituto Teológico Cernica (RU)
- 22 a 26 – Associação da Boémia (CSU)

COMUNICAÇÃO – “TEMPO DE ESPERANÇA”

No programa “Fé dos Homens”, na RTP2, com transmissão diária de Segunda a Sexta-feira, a partir das 18:00h e na Antena 1 a partir das 22h47, a Igreja Adventista terá um espaço nas seguintes datas:

- Segunda-feira, 08 de Fevereiro.
- Quarta-feira, 03 de Março.
- Segunda-feira, 15 de Março.

Associação dos Universitários Adventistas CONVOCA-SE

Nos termos do disposto no Ponto 1 do Art.º 14.º dos Estatutos, a Assembleia Geral da Associação dos Universitários Adventistas a reunir em Sessão Ordinária, no dia 27 de Fevereiro de 2010, pelas 19h30 (dezanove horas e trinta minutos), no INATEL da Foz do Arelho, sito na Rua Francisco Almeida Grandela, Foz do Arelho, Caldas da Rainha, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1. Eleição dos Corpos Gerentes para o biénio 2010-2011;
2. Outros.

Se à hora marcada não existir quórum, a Sessão da Assembleia Geral terá início uma hora depois, pelas 20h30 (vinte e uma horas e trinta minutos), em segunda Convocatória, com qualquer número de presenças, conforme o estatuído no Ponto 3 do Art.º 14.º.

Lisboa, 5 de Janeiro de 2010
A Mesa da Assembleia

O Caminho para a Esperança

É com o coração repleto de alegria que, utilizando as páginas que ultrapassam a distância física entre nós, me dirijo à Igreja Adventista em Portugal, a todas as famílias, a si, em particular.

Escrevo em representação de toda a equipa que, na assembleia administrativa da UPASD realizada em 2007, foi nomeada para coordenar a obra do Senhor neste país durante o presente quinquénio.

A sede da nossa União, o Parque de Campismo da Costa de Lavos e o edifício da Publicadora Servir têm sido os palcos onde, com grande humildade e espírito de grupo, temos buscado intensamente a direcção de Deus para compreender os sonhos que Ele tem para o Seu povo em Portugal.

Posso testemunhar à Igreja que oramos continuamente ao Senhor, a fim de suplicar a Sua orientação para:

1. Cumprir o mandato de preparar um povo para a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo
2. Saber alertar e motivar a Multidão de Crentes para o cumprimento da Missão
3. Saber levar a esperança e conquistar muitas almas para o reino de Deus.

Este é o momento de falarmos sobre o Plano de Acção para 2010, inserido no Plano Estratégico da União. Em 2008, tivemos como objectivos prioritários motivar as famílias a uma maior comunhão com Deus, procurando construir a unidade da Igreja. Para 2009, lançámos o apelo para que as igrejas e os seus membros cooperassem com as comunidades em que estão envolvidos, na procura de um estilo de vida saudável, num espírito de serviço e voluntariado. Durante o ano de 2010, pretendemos dar o passo seguinte, no caminho e continuação dos anteriores e na preparação dos que se lhe seguem. Este ano está consagrado ao evangelismo público, uma forma de apresentar o plano da Salvação a uma sociedade mergulhada numa múltipla crise.

A última ordem de Jesus aos discípulos mostra a Sua grande preocupação: que o mundo conhecesse Deus como um Deus de amor. Por isso, a missão dos 12 era: *“que em Seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, a todas as nações, começando por Jerusalém”* (Lucas 24:46-47).



Queremos que 2010 seja um ano de esperança para milhares de pessoas. Através das muitas iniciativas que apresentamos, está nas mãos de cada um de nós, como crentes adventistas, alargar o número dessas pessoas que irão receber a Esperança de Um Salvador.

Está diante de nós um grande desafio e, por isso, queremos continuar a envolver toda a Igreja num movimento que possa alcançar, segundo Joel 3:14 *“as multidões que estão no vale da decisão”*.

Este ano, vamos colocar o livro *“O Caminho para a Esperança”* em milhares de lares. Acreditamos e oramos para que o Senhor guie os nossos passos para encontrarmos pessoas sedentas da Água da Vida.

No campo do Evangelismo, vamos ter ainda dois grandes movimentos, um de sementeira e outro de colheita. Cada um deles terá várias etapas. Na sementeira, desenvolveremos acções como intercessão poderosa, distribuição massiva do livro missionário, lares de esperança, cursos bíblicos por correspondência e online, e ainda a TV Adventista, programas de rádio e as nossas publicações. Na colheita, teremos as campanhas locais e a grande campanha nacional com transmissão directa para todas as igrejas.

Quando vemos o momento difícil que o mundo enfrenta, nas mais diversas áreas da vida, concluímos que o ser humano necessita de esperança. Esse é o grande projecto da Igreja, em 2010: a transmissão da esperança. Gostaríamos de, neste ano, aproximar o nosso estilo de vida do estilo de vida da Igreja Cristã dos primeiros tempos. Nessa ocasião, o Espírito Santo foi derramado de uma maneira muito especial. A Igreja estava unida e milhares eram acrescentados. Foi assim que eles receberam o poder para alcançar e para influenciar o mundo daquela época.

A base de trabalho da Igreja Cristã, no seu início, assentava na acção pessoal dos crentes. Era nos lares que acontecia o principal movimento evangelístico. É

Revista ADVENTISTA

“Eis que cedo venho”

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-Lo melhor e manter a esperança da Sua breve volta.

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S.A.

Director: José Eduardo Teixeira

Coordenador Editorial: Manuel Ferro

Chefe de Redacção: Paulo Sérgio Macedo

Colaboradores de Redacção: Ernesto Ferreira e Lara Varandas

Programação Visual e Diagramação:

Sara Sayal e Marisa Ferreira

São bem-vindos todos os manuscritos, mesmo os não solicitados, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o número de telefone e fax, se for o caso. Se forem enviadas fotos, elas só serão devolvidas em caso de pedido expresso, senão ficam a fazer parte do arquivo da Publicadora SerVir.

E-mail: revista.adventista@pservir.pt

Proprietária e Editora:

Publicadora SerVir, S.A.

R. da Serra, 1 – Sabugo

2715-398 Almargem do Bispo

Tel. 219 626 200 – Fax 219 626 201

Director Comercial: Enoque Pinto

Controlo de Assinantes:

(Assinaturas, Facturação e Alteração de Moradas)

Responsável: Paula Raimundo

R. da Serra, 1 – Sabugo

2715-398 Almargem do Bispo

Tel. 219 626 200 – Fax 219 626 202

Expedição e Armazém:

R. da Serra, 1 – Sabugo

2715-398 Almargem do Bispo

Tel. 219 626 200 – Fax 219 626 202

Impressão e Acabamento:

Tipografia Rolo & Filhos II

Tiragem: 1800 exemplares

Depósito Legal N° 1834/83

Preço: Número Avulso: €1,70

Assinatura Anual: €17,00

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO E.R.C. –

DR 8/99 artº 12º N° 1a

ISSN 1646-1886

Ano 71 – N° 753 / FEVEREIRO 2010



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

verdade que não havia templos próprios, e por essa razão os lares ganhavam muito mais força. No entanto, a abertura dos lares como centros de evangelização tornou o cristianismo mais pessoal, muito mais familiar.

Actos 5:42 fala dessa estratégia dizendo: “todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar Jesus, o Cristo.”

Além de ensinar, eles também participavam das refeições em conjunto, o que formava uma família muito mais íntima e fazia com que se tornassem mais próximos daqueles que conviviam com eles. “Diariamente eles perseveravam unânimes no templo, partiam o pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e com singeleza de coração” (Actos 2:46).

A estratégia da Igreja Cristã nos primeiros tempos era nos templos e nas casas, comendo juntos e pregando. Os resultados foram 3000 batismos e depois mais 5000. E Actos 2:47 diz que “acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos”.

Queremos repetir a história bem sucedida da Igreja apostólica, usando as nossas casas para a pregação e também para os pequenos grupos. Mas também queremos usar os templos para as classes bíblicas e o evangelismo de colheita. Esta estratégia também está ao nosso alcance e acreditamos que iremos ver o Espírito Santo a agir de forma especial e iremos experimentar o crescimento marcante de que tanto necessitamos para concluir a pregação do Evangelho e ver Cristo voltar nos nossos dias. Transformando as nossas casas em “Lares de Esperança”, anunciaremos “O Caminho para a Esperança” e nós mesmos reforçaremos a certeza de “Um Futuro com Esperança”.

Para que todo este projecto se torne realidade, temos alguns grandes sonhos. A grande questão que permanece é saber como movimentar os membros da Igreja e envolver cada um neste sublime desafio de levar a esperança às nossas comunidades.

Convidamo-lo a conhecer esses sonhos, a envolver-se pessoalmente neles pelo poder do Espírito Santo, sendo um dinamizador dos mesmos na sua igreja. Acreditamos profundamente que Deus vai fazer uma grande obra.

O primeiro grande sonho é o de alistarmos neste exército de crentes três mil intercessores. Leu bem – TRÊS MIL INTERCESSORES. Queremos ter a certeza de que este trabalho será realizado pelo poder de Deus. O desafio destes intercessores tem dois objectivos:

- 1 – Orar por nós próprios para que a nossa entrega e disponibilidade sejam totais;
- 2 – Clamar ao Senhor pelo poder do Espírito Santo para levar os nossos familiares e amigos a Jesus.

O segundo sonho é maior ainda. Propomos a distribuição de trezentos mil livros “O Caminho para a Esperança”. Este é o livro missionário da Igreja, que o Senhor quer transformar



num verdadeiro mensageiro em trezentos mil lares, incluindo familiares, amigos e vizinhos. Conseguiu-se o preço de 0,50€ (cinquenta cêntimos) por livro, exactamente para permitir que cada membro, jovem e criança colabore abundantemente na sementeira. Este é um livro que apresenta a solução de Deus para a humanidade que está em trevas espirituais. É-nos dado este privilégio de contribuirmos para que milhares de pessoas conheçam o grande amor de Deus. Não podemos negligenciar esta oportunidade.

O terceiro é outro grande sonho! Afinal, 2010 é o ano no qual queremos realizar grandes sonhos em nome de Deus e pelo poder do Espírito Santo. Assinale esta data na sua agenda – 20 de Março. É o sonho de atingir **1000 Lares de Esperança**. Queremos lançar o desafio a cada família adventista para abrir as portas da sua casa nesse dia, convidando amigos, oferecendo-lhes uma refeição, testemunhando sobre o que Deus fez na sua vida. Terão à vossa disposição uma mensagem especial em DVD para apresentar a esses amigos, para depois convidá-los a estudar a Palavra de Deus. Desta forma levaremos Jesus a pessoas que nunca aceitariam ir a uma igreja, mas aceitam vir a nossa casa, partilhar o nosso espaço, quem sabe a nossa refeição. Serão 1000 lares em Portugal levando esperança e realizando aquilo a que chamamos Evangelismo pela Amizade. O seu pode ser um lar de esperança.

Cada Igreja deverá estabelecer um alvo de Lares de Esperança. Este é, sem dúvida, um grande desafio de Deus, e existe grande expectativa no Céu, pois o Senhor quer abençoar o nosso lar com a Sua presença. Depois, cada lar pode tornar-se num grupo familiar para alcançar familiares, amigos e vizinhos. Se estivermos disponíveis, teremos em acção 1000 pequenos grupos. Durante as semanas seguintes, depois dos Lares de Esperança, esta onda de pequenos grupos vai ser a ponte de ligação dos amigos que foram às nossas casas com a Igreja. O conceito é: da nossa casa para uma casa com muitos amigos, a Casa de Deus! Um pequeno grupo é fundamental na continuidade desse projecto.

Outro sonho importante, e que exige algum investimento da nossa parte, é que queremos lançar uma televisão Adventista na Internet, a fim de que a mensagem Adventista continue a alcançar o mundo que fala a língua portuguesa. Queremos também dotar as igrejas dum sinal de captação que permita que a Campanha de Evangelização Nacional chegue a todas as nossas igre-

jas e também ao maior número de lares possível. Esta vai ser uma oportunidade soberana para convidarmos amigos, familiares e colegas de trabalho ou de escola a estarem connosco, ou nas igrejas ou a partir dos seus lares, assistindo a uma mensagem que pode trazer um maior sentido de vida às suas existências. Desafiamos, por isso, cada membro a incentivar previamente 10 pessoas ou 10 famílias a visualizarem a página da TV Adventista e a assistirem posteriormente à campanha que vai ser transmitida por esse meio de comunicação. Tenho a certeza de que o Espírito Santo estará a auxiliar os nossos esforços e o nosso empenho e a trabalhar na vida de cada uma das pessoas com quem entraremos em contacto. O resultado desta acção conjunta é vermos vidas transformadas e pessoas a entregarem o seu coração a Jesus e a serem salvas para a eternidade. Irmãos, não há objectivo mais alto pelo qual a Igreja possa lutar e queira almejar, que não seja a salvação daqueles por quem Cristo entregou a Sua vida.

O nosso último grande sonho é a continuidade do Plano de Acção. Depois de sonharmos com Intercessores, Livro Missionário, Lares de Esperança, Pequenos Grupos, TV Adventista e outros meios de comunicação, temos que pensar no resultado. Queremos ser ousados e desafiar a Igreja a entrar em contacto directo, para estudo da Palavra de Deus, com 2000 pessoas durante o ano em curso.

O segredo para chegarmos à realização do sonho é a participação de cada um, de modo que, juntos, possamos fazer grandes coisas para Deus e esperar grandes coisas de Deus. Eu, o irmão e a irmã podemos estar envolvidos na seguinte declaração de Ellen White: “Se cada um... fosse um missionário vivo, a mensagem para este tempo seria rapidamente proclamada em todos os países, a cada povo, a cada nação e a cada língua” (*Testemunhos Selectos*, vol. 3, pp. 352-353).

Abrace este projecto no seu coração! Persista na reflexão sobre o mesmo! Decida como vai ser a sua participação! Colabore na promoção de todo o plano na sua igreja para que 2010 se transforme no ano de maiores bênçãos para a Igreja e do maior número de almas rendidas aos pés de Cristo!

Viva este desafio!

Pr. José Eduardo Teixeira
Presidente da UPASD

Elí Díez-Prida

APENAS MAIS

Muitas perguntas e algumas

Muitos membros dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia procuram uma identidade verdadeiramente Adventista. Seremos apenas mais uma denominação? Se for esse o caso, então será realmente necessária outra denominação? Se não somos simplesmente mais uma denominação, então o que é que nos torna únicos? Será o estilo de vida que promovemos, ou as nossas doutrinas, ou ambos?

Um olhar para três teses importantes pode ajudar-nos a responder a estas questões sobre identidade.

Tese 1

Não é o nosso estilo de vida que nos torna únicos – embora o estilo de vida tenha um papel importante na nossa igreja.

O estilo de vida de um cristão é importante. De facto, é tão importante que Jesus salientou as características pelas quais os Seus seguidores seriam reconhecidos. Ele disse: “Nisto todos conhecerão que sois Meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (João 13:35). Conseguiria alguém que observasse ocasionalmente um membro de igreja, um leitor das nossas publicações ou uma visita presente nos serviços religiosos da nossa igreja identificar-nos como discípulos de Jesus ao ver a forma como nos relacionamos uns com os outros? Embora amar os outros seja a marca mais importante de identificação dos seguidores de Jesus, essa sempre tem sido, ao longo dos séculos, uma marca importante da

Igreja de Cristo e pode não ser uma característica única da Igreja do tempo do fim.

Outros sentem que o estilo de vida, como é o caso da alimentação, pode diferenciar a Igreja do tempo do fim. No entanto, os Judeus ortodoxos e os Muçulmanos abstêm-se de comer porco; ser vegetariano está a tornar-se popular entre muitas pessoas preocupadas com a saúde; e há vários grupos que promovem um estilo de vida sem álcool. Há outros cristãos que devolvem o dízimo, e alguns grupos cristãos vestem-se de forma ainda mais conservadora do que nós. Muitos cristãos estão mais activamente envolvidos na promoção do criacionismo e na luta contra o aborto.

Em resumo, não creio que o nosso estilo de vida nos torne uma Igreja única neste momento da história do mundo, embora tenha um papel importante.

Tese 2

Não é a nossa contribuição teológica que nos torna uma Igreja única!

Será verdade? Vendo as coisas de perto, como Igreja, não temos contribuído muito para a descoberta de novas verdades e conhecimento bíblicos. Temos mais *redescoberto* verdades esquecidas e reunido conhecimento bíblico disperso dentro do quadro do grande conflito entre Cristo e Satanás. Não consigo imaginar um quadro melhor para este “quebra-cabeças” de conhecimento bíblico. Mas nenhum Adventista honesto pode afirmar



UMA IGREJA?

respostas importantes

que todas as peças do quebra-cabeças da verdade já foram descobertas ou que cada peça está no lugar certo.

Eu não gostaria de pertencer a uma Igreja que não baseasse os seus ensinamentos firmemente na Bíblia ou cujos ensinamentos contradissem a verdade bíblica. Sou Adventista do Sétimo Dia porque estou convencido de que, neste momento da História, nenhuma outra Igreja se aproxima mais dos ensinamentos claros da Bíblia.

Sou Adventista do Sétimo Dia porque a nossa Igreja preenche a descrição da Igreja de Deus no tempo do fim (Apoc. 14:12; 12:17; 19:10). Esta Igreja tem a fé em Jesus Cristo como seu ponto central, reconhece a importância da Lei de Deus, demonstra a ação do Espírito Santo, e tem os dons do Espírito, incluindo o dom de profecia.

No entanto, possuir todo esse conhecimento bíblico não nos torna únicos nem especiais. Todo esse conhecimento poderia até levar-nos a tornar-nos orgulhosos espirituais. Lembremo-nos do aviso de Paulo: "Porque em parte conhecemos, e em parte profetizamos; ... agora, vemos por espelho, em enigma, mas então veremos face a face; agora, conheço em parte, mas, então, conhecerei como também sou conhecido" (1 Cor. 13:9,12).

Isto leva-me à minha próxima questão: Qual é o propósito da Igreja Adventista do Sétimo Dia?

Tese 3

Estamos aqui para espalhar o conhecimento que recebemos. É isso que nos dá, a nós, Adventistas do Sétimo Dia, a nossa razão de ser!

O que é que tornou o profeta Elias especial no seu tempo? Não foi o conhecimento de Jeová. Elias não era o único a ter conhecimento do verdadeiro Deus; havia, pelo menos, mais 7000 que conheciam Deus e Lhe eram fiéis. Também não foi a sua coragem, ao ficar do lado de Deus. Foi antes a sua missão, que ele tinha recebido de Deus, de anunciar o juízo de Deus, apontar a via de escape e chamar o povo a tomar uma decisão.

O que é que tornou João Baptista especial? Terá sido o seu estilo de vida? De certo tinha importância, caso contrário uma descrição tão pormenorizada das suas roupas e da sua alimentação não teria sido dada. Mas é muito provável que ele não fosse o único a viver desta maneira naquele tempo. Também não era o único a esperar o Messias. Os seus pais, Zacarias e Isabel, e outras pessoas justas, como Simeão e Ana, também esperavam o Redentor. E o seu conhecimento? Era incompleto! Por exemplo, ele "só" baptizava para representar o perdão dos pecados e parecia não conhecer muito acerca do papel do Espírito Santo.

Assim sendo, em que é que ele foi único? Foi na sua missão, que é muito semelhante à nossa: "E irá adiante d'Ele no espírito e virtude de Elias, para converter os corações dos pais



aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos, com o fim de preparar, ao Senhor, um povo bem disposto” (Lucas 1:17).

Não só chamados para a Salvação...

O nosso estilo de vida é importante porque sublinha a nossa proclamação e mostra quão a sério levamos aquilo que ensinamos. Mas a devoção e a piedade humanas não são nem nunca foram condições para que Deus escolhesse um grupo de pessoas ou uma pessoa. O nosso estilo de vida como Adventistas do Sétimo Dia tem o seu significado, mas quando não estamos a cumprir a comissão que nos foi confiada, o nosso estilo de vida especial não nos ajuda a nós nem aos outros.

Apesar da nossa dificuldade em apreendermos algumas verdades bíblicas, Deus não nos rejeita. Nem profetas nem pessoas nos tempos bíblicos, na história da Igreja ou até na nossa história Adventista compreenderam tudo o que Deus lhes revelou; no entanto, Deus não os rejeitou por causa disso.

... mas chamados para servir

Se não cumprirmos a missão que nos foi confiada, Deus ver-Se-á “forçado” a procurar outros instrumentos. Ele não permitirá que pessoas se percam porque aqueles que Ele chamou estão a dormir ou estão demasiado voltados para si mesmos. Aqui fica um bom resumo: Somos Adventistas do Sétimo Dia, não porque tivéssemos sido escolhidos exclusivamente para a salvação, mas, sim porque fomos chamados para servir! É por isso que a nossa Igreja não afirma ser “o único meio de salvação” ou que outros cristãos se perderão porque não são Adventistas.

“Adventista” não é um título

De tudo isto, muitos podem concluir que somos apenas mais uma Igreja como tantas outras. Mas esperem um pouco! Como Igreja, não somos nada especial, mas a nossa missão é especial! Por outras palavras, se nós ficarmos em silêncio e não cumprirmos a comissão, então não há qualquer razão para existirmos!

O rótulo “Adventista” não é um título mas antes um “caderno de encargos”. Se alguém tem formação em medicina, pode ser chamado doutor até ao fim da sua vida, quer pratique quer não pratique medicina.

“Adventista” não é um título que se obtém, mas sim um “caderno de encargos” para os cristãos que sabem que foram chamados a preparar o caminho para a vinda do Senhor. Consigo ver três áreas importantes.

Tradução do Evangelho Eterno: Precisamos de formular, explicar e viver a verdade de tal maneira que outros a compreendam. É aqui que, creio, estamos a falhar. Muitas vezes, não tornamos o “evangelho eterno” compreensível para as pessoas de hoje. Não podemos simplesmente repetir

palavra por palavra as mensagens dos três anjos numa linguagem antiquada e depois queixar-nos de que as pessoas de hoje parecem não ter interesse no evangelho. Os tradutores têm muito cuidado com o uso que fazem da língua e não falam “adventístes” que seja incompreensível para outros. Os tradutores também falam de forma relevante em relação a questões que as pessoas que vivem no século XXI levantam.

Preparação do caminho para a vinda do Senhor: É importante mantermos a breve vinda do Senhor no centro da nossa mensagem. Como João Baptista, devemos preparar

o caminho para Ele. Tudo o que pregamos e acreditamos deveria ser visto à luz da segunda vinda de Jesus. Conseguimos mostrar ao mundo que nos rodeia o quadro amplo dos ensinamentos bíblicos que une o Sábado, a Segunda

Vinda, o estado dos mortos, o santuário ao grande conflito cósmico que se desenrola ao nosso redor?

“Pilotos” na confusão do tempo do fim: Deveríamos estar a avisar os outros habitantes do planeta acerca dos grandes enganamentos que terão lugar antes da vinda de Jesus. Cristo salienta a intensidade do último engano, dizendo que “surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos” (Mat. 24:24). O sincretismo no cristianismo, a mistura da verdade com o erro, é um dos grandes enganamentos que Jesus Se referia.

Quem está à altura da tarefa?

Que responsabilidade! Seremos capazes de cumprir essas funções de sermos tradutores, de prepararmos o caminho e de sermos “pilotos” no fim do tempo? O orgulho nesta missão especial não será bem recebido. Não precisamos de arrogância, mas sim de tremer perante a enormidade da tarefa e o desafio que ela representa.

Só conseguiremos cumprir a comissão divina quando, como Igreja mundial e como congregação local, pusermos em ordem as nossas prioridades. Precisamos de agir como Neemias, que recusou ser seduzido e afastado do seu lugar na muralha. Não desperdicemos as nossas energias com coisas secundárias, mas usemos os dons que Deus “nos emprestou” para “construir a muralha” do Seu reino!

Somos desafiados a verdadeiramente interiorizar o que cremos e o que ensinamos. Na introdução às mensagens dos três anjos, diz “para a proclamar aos que vivem sobre a Terra” (Apoc. 14:6). No grego, literalmente, diz “aqueles que fizeram a sua habitação na Terra”. Não podemos apresentar as mensagens dos três anjos de forma credível se estivermos “colados” às nossas casas, aos nossos haveres, carreiras ou passatempos. Se realmente devemos preparar o caminho do Senhor, então as pessoas deveriam notar que “estamos a fazer as malas”! ■

Elí Díez-Prida

Director da *Advent-Verlag*, Alemanha

Congresso Nacional de Universitários

“Os Desafios Ecológicos à Luz da Bíblia e da Ciência”

Foz do Arelho – Caldas da Rainha
Inatel e Parque de Campismo da Orbitur

Abordagens

Científica – Dr. Paulo Torres

Teológica – Pr. Luís Rosa

Sociológica – Dr. Luís Nunes

Bioética – Pr. Paulo Renato Garrochinho

Direcção Espiritual – Pr. Artur Machado

Inscrições em: <http://auapt.blogspot.com>

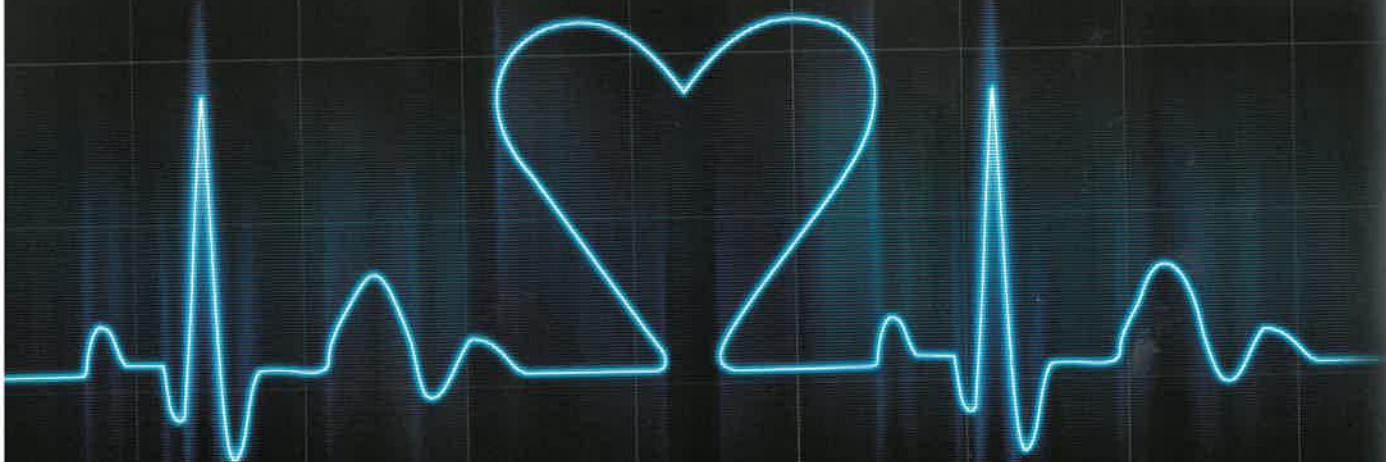
NOVA DATA
26 a 28 de
Fevereiro 2010

Público alvo
Pré-Universitários (11º e 12º anos do Ensino Secundário);
Universitários; Licenciados; Mestres e Doutores



Educação Adventista





A Verdade Sobre o Cristianismo I - Os **Novos** Ataques dos **Antigos** Ateus

É nossa convicção profunda que a verdadeira Ciência orienta o ser humano para Deus.

Ao longo dos últimos 12 artigos, pretendemos fornecer elementos para demonstrar as bases para esta convicção.

Nesta segunda série, composta por 8 artigos, vamos apresentar evidências de como o contributo do Cristianismo para a Ciência foi fundamental.

Acreditamos que, com uma perspectiva fundada na Palavra de Deus, a Ciência poderá acelerar o seu desenvolvimento e contribuir ainda mais para a Sociedade.

Nietzsche morreu, mas ...

Todos conhecemos a célebre frase do Filósofo Alemão Friedrich Nietzsche: ¹ “Deus está morto! Deus permanece morto! E quem o matou fomos nós!” ²

Esta frase encontra-se no seu livro *Assim Falava Zaratustra*.

Que presunção!

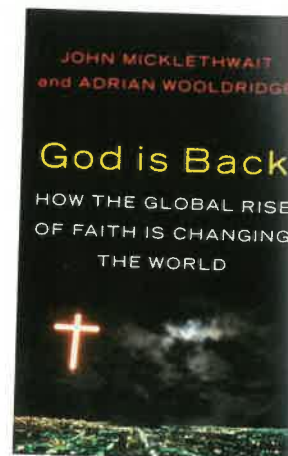
Na verdade, muitos filósofos e pensadores têm procurado “matar” Deus ao



longo da História, mas, contra todas as suas previsões e iniciativas, podemos comprovar que, na sociedade actual, Deus Se encontra mais vivo do que nunca.

... Deus está de regresso!

Pouco mais de 100 anos passaram deste que esta frase foi escrita e, quando olhamos para o mundo actual, podemos observar exactamente o contrá-



rio – parece haver um aumento do interesse pelo religioso. Por isso, podemos afirmar que Deus permanece bem vivo.

Um exemplo desta constatação é o livro *God is Back*,³ em Português seria “*Deus Está de Regresso*”.

Nele se analisa como nos últimos anos tem havido um reavivamento do interesse pelo religioso, acompanhado, em muitos casos, por um aumento expressivo da quantidade de fiéis de religiões organizadas.

Para além da esfera normalmente relacionada com a religião, este facto está a ter efeitos cada vez mais evidentes também no plano político, o que deve levar os estudantes das profecias da Bíblia a uma reflexão.

Mas será que este Deus que está *de regresso* e que está a ganhar influência em inúmeras áreas da sociedade é o Deus verdadeiro, Aquele que podemos conhecer pelo estudo da Palavra de Deus?

Ser um deus?

A frase de Nietzsche que utilizámos na abertura possui uma continuação – comentando o suposto acto da morte de Deus que os humanos teriam perpetrado, Nietzsche escreve o seguinte:

“A grandiosidade deste acto não será demasiado para nós? Não teremos de nos tornar nós próprios deuses, para parecermos apenas dignos dele? Nunca existiu acto mais grandioso, e, quem quer que nasça depois de nós, passará a fazer parte, mercê deste acto, de uma história superior a toda a história até hoje!”⁴

Parece familiar? “*Tornar-nos nós próprios deuses?*” Será apenas um desvario de um filósofo a procurar explicações onde elas não podem existir?

Acredito que é bem mais do que isso e que esta aspiração ao divino se inscreve numa tradição e numa doutrina que vêm de muito longe na história do homem e deste mundo.

Logo no segundo artigo desta série,⁵ abordámos o tema de como a tentação e queda no Éden foi relacionada essencialmente com a ambição humana de “*ser Deus*”, ou pelo menos, para os mais modestos, “*ser um deus*”.

“Porque Deus sabe que no dia em que comerdes desse fruto, os vossos olhos se abrirão e sereis como Deus” (Génesis 3:5).

James Watson, co-descobridor da famosa estrutura



em dupla hélice do código genético, que lançou todo o campo da biotecnologia, demonstra bem esta atitude quando declara: “*Apenas com a descoberta da dupla hélice e a revolução genética que se seguiu, tivemos bases para pensar que os poderes que tradicionalmente eram prerrogativa exclusiva dos deuses, poderiam um dia ser nossos.*”⁶

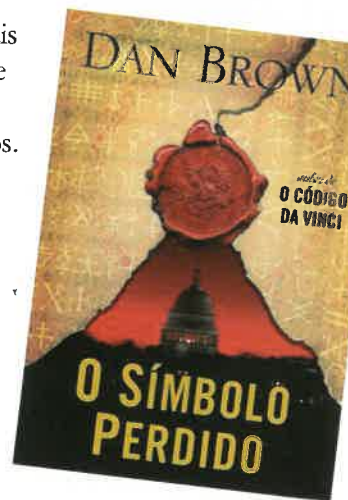
Mais claro é difícil.

O Deus Perdido?

Este tema continua prevalecte na nossa sociedade, sendo o exemplo mais recente o último livro de Dan Brown, *O Símbolo Perdido*, publicado em Dezembro de 2009.

Dan Brown é o autor mais bem sucedido da actualidade e um dos autores mais bem sucedidos de todos os tempos.

O livro que o tornou famoso foi *O Código de Da Vinci*.⁷ Apesar de ter sido extremamente bem sucedido como romance, em termos de vendas, e de ser um livro que é difícil parar de ler, ele apresenta erros históricos elementares, juntando-se a um rol enorme de obras que procuram atacar as bases do Cristianismo.



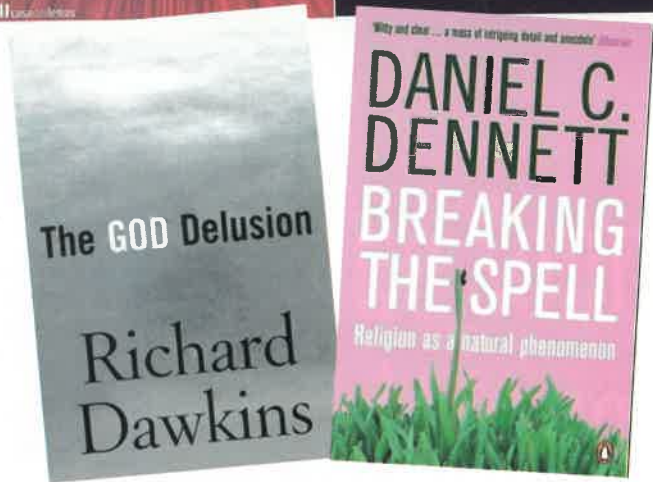
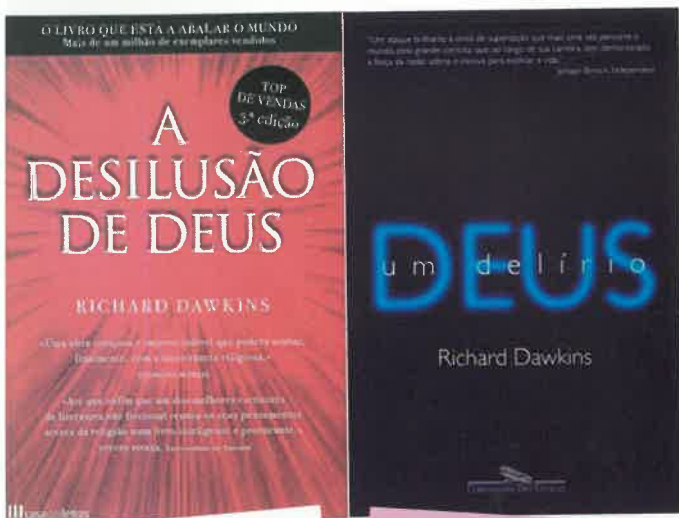
Este tipo de ataques são exactamente o tema desta segunda série de artigos que se inicia com o artigo deste mês.

O tema central do livro é exactamente a aspiração do homem a transformar-se em algo divino e alcançar poderes que seriam apenas prerrogativas dos deuses.

Penso que uma grande parte do reavivamento religioso que observamos no mundo está inspirado neste tipo de ideais e não numa leitura da Palavra de Deus. Na verdade, trata-se de uma

negação da Palavra de Deus e deu origem a uma reciclagem de ideias bem antigas que ressurgem periodicamente.

Mas este não é o único tipo de ataque que observamos. Nos últimos anos surgiram vozes extremamente agressivas e críticas em relação à religião em geral, mas com uma mira muito dirigida para a religião baseada na Bíblia.



Os Novos Ataques ao Cristianismo

Esta é mais uma evidência de que Deus na verdade não morreu – Ele continua a ser atacado, como sempre foi ao longo dos tempos. A religião verdadeira sempre esteve ameaçada, começando logo com a Igreja do primeiro século, em que um punhado de crentes descobria as verdades eternas por vezes com o custo da própria vida.

Isto não é menos verdade nos dias de hoje.

Recentemente, foi publicado um conjunto de livros que questionam o Cristianismo, não apenas em termos de verdade, mas argumentando que o Cristianismo traz malefícios para a sociedade.

Em alguns casos, os autores chegam a defender a proibição da religião ou pelo menos a proibição de que a religião possa ser ensinada às crianças.⁸

A acusação é séria, especialmente pelo eco que está a ter na sociedade. Mas o nível de agressividade com que é feita também é motivo de reflexão.

O primeiro actor neste ataque frontal foi Richard Dawkins, que escreveu o livro *The God Delusion*, com edição portuguesa com o título *A Desilusão de Deus*, ao

defender teses extremamente radicais em relação à religião e, em particular, em relação ao Cristianismo.

Outros exemplos que figuraram e alguns ainda figuram nas listas de *best sellers* são:

- *Deus Não é Grande*, de Christopher Hitchens
- *Quebrando o Encanto*, de Daniel Dennett
- *A Morte da Fé*, de Sam Harris

Outro exemplo, que se constitui hoje como um verdadeiro clássico do tema, é: *Porque Não Sou Cristão*, de Bertrand Russell.

Um Novo Caim?

Para terminar, não podemos deixar de citar o livro mais polémico dos últimos tempos – *Caim*, pelo Prémio Nobel José Saramago, editado propositadamente na época natalícia.

Este livro está a ter um êxito acentuado, não apenas em Portugal e no Brasil, mas em todo o mundo.

Parece ter atingido realmente um ponto nevrálgico de todo o sistema. Está na lista de *best sellers* de um grande número de países e é difícil entrar numa livraria sem sermos confrontados com ele.

Não vou fazer aqui a crítica deste livro, apenas me limito a citar um texto de Vasco Pulido Valente, escandalizado com toda a polémica em torno do mesmo:⁹

“Saramago não disse mais do que o que se dizia nas folhas anticlericais do séc. XIX ou nas tabernas republicanas no tempo de Afonso Costa.”¹⁰

E ainda: “Não assiste a Saramago a mais remota autoridade para dar a sua opinião sobre a Bíblia...”¹¹

Estamos a assistir a uma reciclagem de argumentos antigos, actualizados para a nossa época e envoltos cada vez mais numa aura de respeitabilidade, que brota da nossa fixação pela rejeição da verdadeira revelação de Deus.

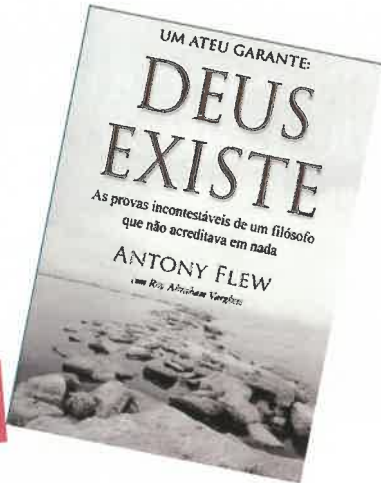
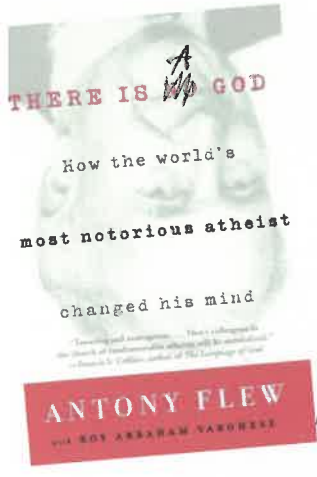
Podemos afirmar que a maioria dos autores críticos leram os textos que agora criticam, mas pela sua escrita podemos observar que os leram com uns “óculos” preconceituosos e, nalguns casos, bastante restritivos.

Só assim se entende que Saramago, por exemplo, assumia uma crítica a Deus com base no conceito de inferno, que não se encontra na Bíblia, para mencionar apenas um exemplo.

O que está em jogo?

A apologia do Cristianismo tem uma longa e notável história, tendo proporcionado respostas bastante satisfatórias e fornecido uma base sólida para muitas gerações de crentes, mas estes ataques recentes exigem novas respostas e novas abordagens.

Um dos caminhos, traçado por alguns autores na defesa do Cristianismo e da Religião em geral, tem sido



a negação do literalismo dos relatos religiosos (Bíblia, Corão, etc.¹²), afirmando a necessidade da actualização destes textos e a sua contextualização para a cultura moderna, desculpando dessa forma alguns aspectos superficialmente menos agradáveis.

Este é um caminho extremamente perigoso e que nos soa mais e mais ao resultado da influência de Satanás na forma como, no caso específico da Palavra de Deus, esta prática é prejudicial à busca da verdade.

Um caso mais interessante será o de Anthony Flew, conhecido filósofo, que, após uma vida em que defendeu a perspectiva de um ateu, no final da mesma concluiu

que estava errado e escreveu um livro muito interessante, intitulado *Deus Existe*.¹³

Um Novo Capítulo na Apologia do Cristianismo

A publicação do Livro de Dinesh D'Souza *What's So Great About Christianity*, sem edição portuguesa até ao momento, mas com edição brasileira com o título *A Verdade Sobre o Cristianismo*,¹⁴ forneceu-me a inspiração e parte

do material para esta série de artigos.

No seu livro, Dinesh contrapõe aos argumentos anti-religiosos dos ateus a demonstração dos seguintes pontos:

- 1 – O Cristianismo é o principal fundamento da civilização ocidental.
- 2 – As descobertas mais recentes da Ciência sustentam a existência de um Ser Divino que criou o Universo.

3 – A Teoria da Evolução de Darwin não destrói as evidências de *design* no Universo, pelo contrário, fortalece essas evidências.

4 – Não existe nada na Ciência que torne os milagres impossíveis.

5 – É aceitável ter fé.

6 – O ateísmo, não a religião, é responsável pelos genocídios da História.

7 – O ateísmo não é motivado nem baseado na razão.

Abordaremos estes tópicos por esta ordem, cada um num dos próximos artigos.

A Bíblia instrui-nos para estarmos preparados para defender a nossa crença de uma forma racional: “*Estejam sempre preparados para responder a qualquer pessoa que vos pedir a razão da esperança que há em vocês*” (I Pedro 3:15).

No final desta série, espero ter-vos dado elementos para que essa defesa seja cada vez mais sólida, inteligente, mas, acima de tudo, eficaz.

Desta forma espero que as pessoas de mente aberta possam tomar a sua decisão e juntar-se à fileira dos que acreditam na Palavra de Deus e querem ser chamados Cristãos.

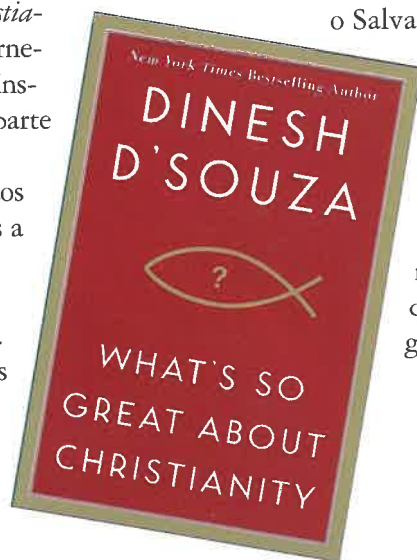
Conclusão¹⁵

A batalha entre a perspectiva do ateu e a perspectiva religiosa é antiga e recupera a cada momento o debate original que levou à queda de Eva e Adão no Jardim.

As técnicas de engano têm evoluído tornando-se mais subtis, mas ao mesmo tempo também mais agressivas, sendo acima de tudo cada vez mais multifacetadas.

Ao longo desta série de 8 artigos (para além deste artigo introdutório), espero fornecer ao leitor argumentos para defender a nossa Fé e eliminar barreiras que podem afastar desnecessariamente muitas pessoas de um primeiro contacto com a Palavra da Vida e com o Salvador.

Ao contrário da caricatura feita pelos adversários de Deus, que O apresentam como um Deus ciumento, cruel, vingativo, insensível, o nosso Deus é um Deus de amor, que não tem prazer na morte de ninguém,¹⁶



“Quando Me procurarem, hão-de encontrar-Me,
se Me procurarem de todo o vosso coração.”

Jeremias 29:13



pretende que todos nos salvemos,¹⁷ não Se ira por capricho, mas é longânimo para connosco.¹⁸

Deus deu o Seu Filho para que todo aquele que n'Ele crer não pereça mas tenha a vida eterna,¹⁹ vida essa com abundância,²⁰ e que finalmente todos possam conhecer a verdade e essa verdade nos libertará, pois essa liberdade é conferida pelo Filho de Deus – Jesus.²¹ ■

Referências

1. Filósofo alemão, (1844-1900).
2. “*Gott ist tot*” em Alemão. Esta frase aparece também em outras obras de Nietzsche, como por exemplo, *A Gaia Ciência*, mas a fonte mais famosa é realmente a obra mencionada no texto.
3. *God is Back – How the Global Rise of Faith is Changing the World*, John Micklethwait e Adrian Wooldridge, sem edição em Português. A tradução do título seria: “*Deus está de Regresso – Como o Crescimento a Nível Global da Fé está a mudar o Mundo.*”
4. Friedrich Nietzsche, *A Gaia Ciência*.
5. Ver o artigo na Revista Adventista de Novembro de 2008, com o título: “Será o Código Genético a ‘Linguagem de Deus’?”
6. Idem.
7. Além do *Código de Da Vinci* e do livro recém-publicado *O Símbolo Perdido*, Dan Brown publicou outros livros: *Anjos e Demónios*, *Fortaleza Digital* e *Deception Point*, ainda sem edição em Português do meu conhecimento. Mas o livro que realmente projectou Dan Brown para o mundo dos autores *best sellers* foi o *Código Da Vinci*.
8. Ver, por exemplo, *The God Delusion*, ou em tradução em Português, *A Desilusão de Deus*, ou em edição Brasileira, *Deus, Um Delírio*, de Richard Dawkins, em que ele defende estas ideias.
9. Jornal Público.
10. Idem.
11. Idem.
12. O exemplo mais recente e notável é provavelmente o livro *The Case for God* – em Português algo como *Em Defesa de Deus* – acabado de publicar da autora Karen Armstrong, que tem quase 20 livros publicados, ex-freira, que defende a religião do ponto de vista de alguém que encontrou uma experiência mística fora do corpo de qualquer das religiões oficialmente estabelecidas.
13. *There Is a God*, na versão original, livro publicado em 2009.
14. *A Verdade Sobre o Cristianismo – porque a religião criada por Jesus é moderna, fascinante e inquestionável*, Dinesh D’Souza, Thomas Nelson Brasil.
15. Conclusão parcialmente baseada em texto do Pr. Paulo Cordeiro, preparado por ocasião da publicação do romance *Caim*, de José Saramago.
16. Ezequiel 18:32.
17. Ezequiel 33:11.
18. II Pedro 3:9.
19. João 3:16.
20. João 10:10.
21. João 8:32 e 36.

Miguel Mateus

Engenheiro em Electrotecnia – Telecomunicações e Electrónica
Mestre em Investigação Operacional; Grau de MBA – Master in Business and Administration

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO CRISTÃ E INTEGRAÇÃO FÉ E ENSINO

DR. RENATO STENCEL

“E conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.” João 8:32

A mente humana é o terreno onde os filhos de Deus têm enfrentado os seus mais decisivos conflitos. Na verdade, o maior campo de batalha neste mundo é o espaço que separa os nossos dois ouvidos, ou seja, o nosso cérebro. Jesus conhecia claramente o poder dinâmico das ideias sobre a vida dos indivíduos, e, ao olhar para o futuro, previu que, antes da segunda vinda, os Seus filhos enfrentariam fortes pressões advindas de filosofias, ideologias e teorias puramente humanas, que haveriam de abalar as estruturas e os fundamentos da nossa fé. Sendo assim, Ele profetizou: (a) “Quando vier, porém, o Filho do Homem, achará Fé na Terra?” (Lucas 18:8); (b) “Porque surgirão falsos profetas e farão tão, grandes sinais que, se possível, enganariam até os escolhidos. Acautelai-vos, que ninguém vos engane” (Mat. 24:24, 4).

As palavras de Cristo são uma realidade bem presente nos nossos dias, principalmente quando analisamos o assunto sob a óptica educacional. Ao analisarmos detidamente esta questão, podemos observar que inúmeros aspectos periféricos estão a assumir um lugar de primazia na vida dos educadores, fazendo com que percam de vista os objectivos e propósitos pelos quais devem viver.

Neal Postman e Charles Weingartner demonstraram que uma maior negligência na educação é o resultado natural numa sociedade que se tem preocupado excessivamente com o “Como” em vez do “Porquê” da vida moderna.

A nossa sociedade, há mais de um século que faz um uso implacável da capacidade técnica. Temos buscado criar novas técnicas para os transportes, comunicação, saúde e higiene, mas raramente nos temos perguntado, a respeito desses avanços, se os mesmos foram necessários, se devería-

mos tê-los ou se passariam a existir sob novas perspectivas.

Segundo Postman e Weingartner, esta mentalidade tem sido adoptada pelos especialistas da educação, que estão preocupados em criar novas técnicas para alfabetização de crianças de dois anos, novas maneiras para manter silêncio nos corredores da escola e novos procedimentos para medir a inteligência dos alunos. “Os educadores têm-se envolvido tanto na criação e implementação de novas metodologias que raramente têm questionado o valor e a importância de se ensinar matemática a uma criança de dois anos.”

Porque educamos? Qual é o propósito da educação que preconizamos? Estas são duas das mais importantes perguntas a serem encaradas. É notório que os educadores se têm preocupado mais com a acção do que com o progresso, mais com os meios do que com os fins e, finalmente, mais com técnicas e métodos do que com a filosofia que justifica e sustenta o nosso sistema de escolas. No seu livro *Crises na Sala de Aula*, Charles Silberman afirmou: “Há uma forte necessidade de preparação de nova linhagem de educadores que sejam capazes de focar o pensamento no propósito e de pensar sobre o que estão a fazer e porque o estão a fazer.”

Não podemos esquecer que não é possível falar sobre a utilidade dos meios educacionais a menos que os indivíduos saibam o que desejam como resultado. Quando um alvo está em mente, então a pessoa está em condições de pensar no que tange ao valor e importância das metodologias que irão ajudar a alcançar esse propósito.

Apenas recapitulando: “Qual é o propósito principal da Educação Cristã?” Segundo o livro *Educação* é “restaurar no homem a imagem do Seu Criador”. Noutra citação, a Sra. White diz-nos que “a obra da educação e da redenção é uma só”. Se nós pudéssemos resumir numa única palavra a finalidade e o propósito da existência de uma Escola Cristã, esta palavra seria: SALVAÇÃO! Essa é a única razão pela qual foram estabelecidas as nossas escolas. Sendo assim, todas as nossas acções precisam de ser direccionadas e canalizadas para este propósito. E se a Salvação é a nossa meta, precisamos comprometer-nos com esta tarefa.

Precisamos de educar os nossos alunos de maneira que possamos salvá-los das pressões e tendências modernas que assolam o nosso mundo; salvá-los dos artifícios do mal; e, finalmente, educá-los de tal maneira que possam sair vencedores no conflito milenar entre o bem e o mal, para que assim sejam matriculados e aceites como alunos na Escola da Eternidade.

Cada educador deve renovar diariamente o seu compromisso com esta missão. “É precisamente esta abrangência intencional da missão e inteireza de consistência no propósito, que dá à escola cristã o potencial e o poder para transformar vidas” – “Salvar os meus alunos”. Cada palavra, cada sorriso, cada gesto, cada olhar deve ser praticado tendo como propósito a salvação dos meus alunos.

Um instituto de pesquisa desenvolveu um estudo sobre a situação da educação na última década, e chegou aos seguintes resultados:

a) Cerca de 50% dos alunos de hoje afirmam que se sentem apenas como um número no livro de chamada.

b) 40% não sentem um senso de comunidade – de união entre professores/alunos.

c) 66% dos alunos afirmam que não possuem um professor interessado em saber sobre a sua vida pessoal e familiar.

O que podemos nós fazer perante esta realidade? O que fazer quando quase toda a responsabilidade da educação está a ser passada para a escola? O que fazer quando mais de 50% dos casamentos estão a terminar em divórcio? O que fazer quando a maioria dos pais trabalha a tempo inteiro, não podendo, assim, participar na educação dos seus filhos? O que fazer quando os bons modelos do mundo estão a tornar-se cada vez mais raros? De uma coisa podemos estar certos: a nossa tarefa é extremamente desafiadora, mas com o auxílio e a direcção divinos, a vitória está-nos garantida!

INTEGRAÇÃO FÉ E ENSINO

É um processo intencional e sistemático mediante o qual se encaram todas as actividades educativas numa perspectiva bíblico-cristã, a fim de que os alunos, ao completarem os seus estudos, tenham interiorizado voluntariamente uma visão da vida, do conhecimento, e do seu destino que se centraliza em Cristo, se orienta para o serviço e se projecta até ao reino do Céu.

No livro *Fundamentos da Educação Cristã*, p. 473, a Sra. White afirma: “Uma influência cristã deve envolver as nossas escolas.” Ellen White estava a falar daquilo a que chamamos Integração Fé e Ensino. Ela quis dizer que o factor espiritual deve estar unido a todo o processo da educação cristã. E, reconhecendo o trabalho e a influência espiritual do professor cristão, a Conferência Geral, há alguns anos, mudou o título da credencial do professor para “Ministro de Educação”. Qualquer que seja a disciplina, os professores cristãos são, em primeiro lugar e acima de tudo, pastores. O santuário deles é a sala de aula; o seu púlpito é a sua mesa e os seus alunos são os membros da congregação. No momento em que os professores sentirem que são Ministros de Educação, estabelecer-se-á uma atmosfera espiritual que será sentida e percebida por todos aqueles que ali vivem.

Existem quatro áreas que são extremamente estratégicas para a implementação da IFE. São elas: Os agentes, o currículo, o ambiente e a atmosfera espiritual.

Duas Perigosas Meias-Verdades sobre IFE

1. A IFE é uma exigência da pedagogia cristã – “Todo o verdadeiro discípulo nasce no coração de Deus” (*Serviço Cristão*, p. 9). Muitos educadores cristãos adventistas adoptam inconscientemente uma atitude dualista no seu trabalho. Têm a tendência de manter em compartimentos separados o nosso dever religioso e a nossa actividade docente. A verdade é que não podemos limitar a nossa obra àquela de professores ‘aulistas’, que se valem do seu magistério apenas como fonte de sobrevivência. Um professor cristão é, antes de tudo, um missionário! A virtude espiritual do professor não fica em casa quando ele sai para a escola. Ele leva-a con-

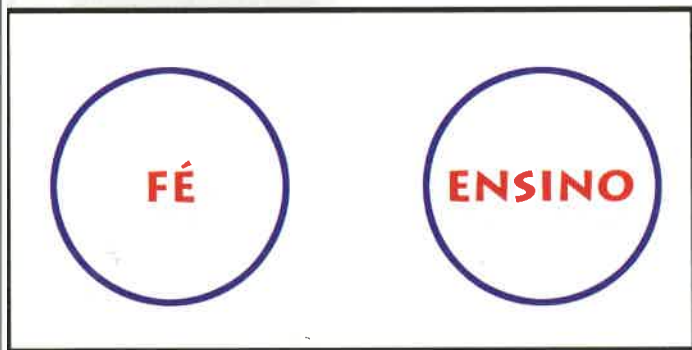
sigo na rua, no carro e na sala de aula. Na verdade, a IFE não é uma exigência da pedagogia cristã, mas sim a sua marca registada e a sua nota distintiva perante as demais.

2. A IFE deve ser aplicada apenas nas aulas de Educação Religiosa – Este é um dos mais perigosos conceitos que se pode infiltrar no sistema de Educação Adventista. As aulas de ER deveriam ser incluídas no currículo, para que a Escola tenha a oportunidade de cumprir a sua missão na obra de salvar os alunos. Não podemos sustentar a hipótese em análise, pois uma carga de três aulas semanais, num universo de 25, não torna cristã uma escola. A escola não é chamada cristã, formadora de mentes equilibradas, agência ganhadora de almas para o Céu, só porque tem um professor de Religião. A escola cristã tem todo o seu corpo docente comprometido com o processo de elevar o ensino acima do nível puramente académico.

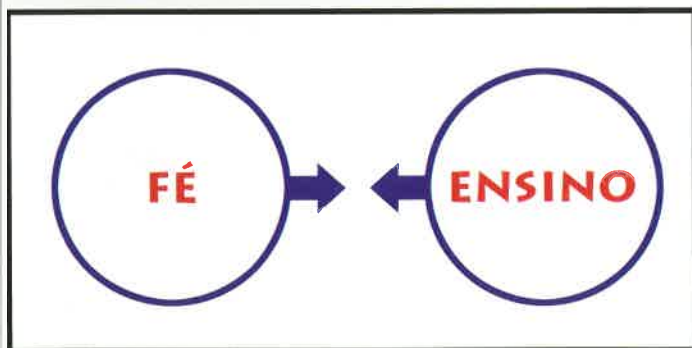
Ao reflectir sobre o modo como se relaciona a fé com o ensino na experiência de um educador cristão, descobre-se quatro relações possíveis:

A. DUALISMO – Não existe conexão entre a fé e a experiência docente do educador. Isto pode ocorrer devido a várias razões: o educador

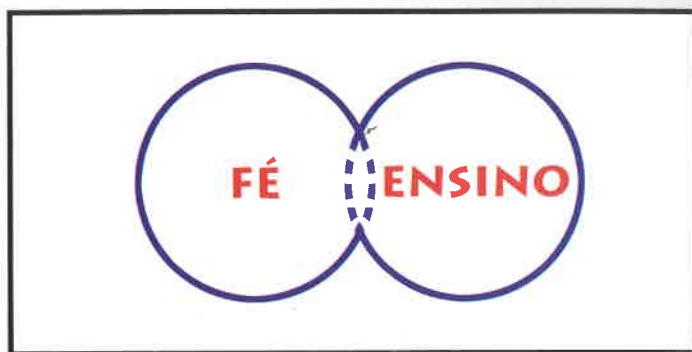
- a) ignora que tal integração é possível;
- b) não crê que seja possível aplicar IFE na sua matéria;
- c) crê que é possível, mas não tem tempo ou não sabe como fazê-lo.



B. DIÁLOGO – O professor começou a reflectir sobre a sua experiência como cristão e como docente; considera que seja possível relacioná-las e até realiza algumas experiências. Mas pensa que os objectivos de ambas as esferas são diferentes, ou seja, os objectivos da sua actividade intelectual/profissional não coincidem com os da sua actividade espiritual/religiosa.



C. ILUSTRAÇÃO – O educador utiliza aspectos ou temas da matéria que ensina para ilustrar ou exemplificar facetas da experiência religiosa e espiritual. Isto permite-lhe estabelecer algumas conexões entre Fé e Ensino/Aprendizagem.



D. INTEGRAÇÃO – Partindo de uma clara cosmovisão, o professor adventista aproxima-se do seu trabalho educativo e de investigação com a intenção de penetrar todas as dimensões da sua actividade profissional com premissas, valores, objectivos e fins bíblico-cristãos.



Através destes quadros, podemos observar com maior nitidez as possíveis fases da IFE no magistério de um professor cristão. A quarta imagem mostra a amplitude da obra de um professor cristão que busca implementar a IFE na sua prática pedagógica. Este professor exercerá o seu ministério de uma forma muito mais eficaz e, conseqüentemente, poderá cumprir a sua missão como professor cristão segundo o modelo estabelecido por Deus.

A Personificação da IFE

Não podemos esquecer-nos de que a IFE não existe apenas embutida nos programas e materiais, mas, sobretudo, em pessoas. É mais do que meramente relacionar a perspectiva cristã com as disciplinas seculares tradicionais. Precisamos de entender que o professor é a peça-chave do processo e o seu elemento catalisador. “Quando o professor entra na sala e fecha a porta, ele é o currículo, porque a aprendizagem é grandemente comunicada através da sua visão do mundo e da vida. Nesse sentido, o professor torna-se o grande intérprete, aquele que dá sentido à vida. Os conteúdos e as informações não possuem qualquer significado, ou seja, são inertes até ao momento em que ele lhes dê significado humano e espiritual.”

É bom lembrar que, no mundo transformado à semelhança de Sodoma, os alunos estão a entrar numa era de apostasia quase universal, portanto, devemos equipar os jovens para que pensem claramente sobre aquilo que crêem e porque se erguem sozinhos, se necessário. Veja-se, por exemplo, o caso dos três companheiros de Daniel em Babilónia. O Inimigo não está a trabalhar apenas a meio-gás e não está a permitir que a sua mensagem seja difundida apenas numa pequena parte do mundo através de racionalizações eruditas. A sua estratégia é de saturação total. Não podemos fazer

menos. O Conflito é real. Deus há-de abençoar cada esforço empreendido no sentido de salvar aqueles que necessitam de salvação, e também fará das nossas escolas aquilo que Ele deseja que elas sejam.

A IFE requer de um docente bem preparado e competente uma vida consagrada à causa da educação e à salvação dos seus alunos. Um mestre que siga os passos do verdadeiro Mestre. Alguém que seja capaz de cumprir uma função polidimensional: Professor, pastor, pai, amigo e companheiro. ■

Dr. Renato Stencel

Director do Centro de Pesquisas
Ellen G. White, Brasil

ENTREVISTAS

“A Missão no Coração”

No seguimento da Revista Adventista do mês de Novembro de 2009, continuaremos a propor ao estimado leitor uma reflexão sobre a importância da Educação Adventista no mundo de hoje face aos desafios, expectativas e propósitos da Igreja ASD para os seus jovens.

As Faculdades Adventistas da Bahia celebraram, no final de 2009, os seus 30 anos de existência. As comemorações deste aniversário revelam a maturidade desta instituição que adoptou como mote para este momento tão especial:

“A Missão no Coração.”

O mote deste aniversário é realmente inspirador e aglutinador, e revela a função evangelística de uma escola adventista.

George Knight, no seu livro *Uma Igreja Mundial*, p. 98, escreve: “A Educação Adventista sempre foi mais saudável quando estritamente relacionada com a missão denominacional”, e esta realidade é vivida neste lugar e nesta instituição. Preparar pastores, professores, administradores, fisioterapeutas e enfermeiros que, num futuro imediato, servirão as Igrejas, as Escolas e as demais instituições da Igreja Adventista, é uma missão muito nobre que garantirá



o crescimento da Obra de Deus nesta Terra. Estes jovens, homens e mulheres, saem com uma excelente formação académica, mas também com uma missão de serviço abnegado enraizado no seu coração e mente. A missão de servir a Deus e à Sua Igreja está no seu coração. E, como diz o ditado, “a boca fala do que o coração está cheio”. Mas não se pense que são somente os alunos universitários a sentir tal missão. Este é um sentimento que muitos adolescentes e jovens que frequentam ainda o ensino Básico e Médio (Secundário) guardam dentro de si e exteriorizam nos momentos de apelo ao serviço em prol do Mestre. Deus seja louvado por este empenho e por este desejo demonstrado pela Sua preciosa juventude.

Deus sempre apresentou à humanidade e ao Seu povo, um projecto educativo, cujo fundamento é inalterável: revelar o amor e o carácter de Deus. Ellen G. White apresenta a ideia de que a Educação Adventista é precisamente o último dos sistemas de ensino centrados neste propósito que Deus proporcionará à humanidade. Conscientes dos fins dos tempos, deste privilégio e ao mesmo tempo desta responsabilidade, a comunidade adventista deve concentrar-se na Educação Adventista, permitir a sua existência através dos estabelecimentos de ensino. **Se nos preocupa o presente e o futuro da nossa Igreja e dos seus jovens, o melhor e mais eficaz plano estratégico é o de permitir que os mesmos sejam “ensinados do Senhor” (Isaías 54:13).**

“A responsabilidade que repousa sobre os pais, professores e membros de igreja, de fazerem a sua parte em cooperação com Deus, é tão grande que não pode ser expressa por palavras” (E.G.W., *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, p. 166). O Espírito de Profecia é claro quando reúne pais, professores e membros de igreja na missão de educar as crianças e jovens de Deus. Ora, se é esta a orientação, façamos a nossa parte permitindo que nos lares, nas escolas ASD e nas Igrejas, homens, mulheres, jovens e crianças se unam exaltando a Cristo e se preparem para anunciar a mensagem ao mundo.

Ainda no seguimento do artigo da Revista Adventista mencionado acima, continuaremos a propor-vos uma reflexão sobre a Educação Adventista, baseando-nos nas entrevistas, ou melhor, na recolha de opiniões e testemunhos da Direcção, Administração, professores, demais obreiros e alunos das Faculdades Adventistas da Bahia.

Que Deus continue a orientar esta instituição de ensino adventista bem como as demais no mundo inteiro. Que alunos, professores, funcionários e membros da Igreja Adventista mantenham viva a chama da educação e continuem a guardar “A Missão no Coração”.

Tiago Alves

Director do Departamento de Educação da UPASD

Que visão e que propósito tem o mote “A Missão no Coração”?

“De certo que o novo panorama competitivo tem forçado muitas instituições a sacrificarem os valores e a filosofia que serviram de base à sua construção, muitas vezes durante séculos. Ao tratar-se de instituições educacionais confessionais, o caso das escolas da Rede Adventista de Educação, a situação mais preocupante chama-se secularização. Neste cenário, a escola mimeticamente vai perdendo, com o passar do tempo, a sua veia baseada nos valores eternos, como ética, respeito, honestidade, cidadania, espiritualidade, entre outros, tornando-se um *campus* meramente focado no ensino de sala de aula e laboratórios, sem pensar na transformação de carácter no qual toda a verdadeira educação deve ser alicerçada.

Esta é uma preocupação que nós sempre devemos ter: de que o nosso *campus* nunca perca a filosofia cristã na qual foi fundado. Esta escola, diferente de outras, forma cidadãos não só para esta vida, mas para a vida eterna. Este é o nosso DNA! Acima dos professores, dos directores e da zeladora, é Deus quem guia a instituição. E todos os colaboradores devem estar envolvidos nesta visão. Sendo fidedignos representantes de Cristo e do Seu método de trabalho neste planeta (ensinar, curar e pregar), é n’Ele, como exemplo vivo e presente, que devemos rever-nos! Somos motivados a

abraçar a missão de Cristo como o mais importante componente da nossa existência.

Hoje, a Faculdade Adventista da Bahia completa 30 anos. A história e os números mostram como Deus tem abençoado esta escola ao longo deste período. Além disso, hoje somos reconhecidos dentro da Igreja Adventista no Brasil como uma instituição que, acima de tudo, prima pelos valores eternos, transformando-nos no exemplo para outras instituições da rede. Somos reconhecidos, também, entre a comunidade não-cristã, como uma instituição diferente e que prima pela qualidade e por valores. Isto faz com que até a nossa comunicação externa (marketing, por exemplo) seja mais eficiente, pois a diferença que fazemos é abertamente conhecida por todos!

Sentimo-nos à vontade, portanto, para comemorar este aniversário, certos de que estamos a fazer o nosso papel dentro da Missão que Cristo nos confiou. Temos a plena certeza de que, mantendo a *Missão no Coração*, as bênçãos de Deus nos acompanharão por outros 30 anos ou até à Sua volta a esta Terra!”

Dr. Fábio Bérnago

Director de Marketing das Faculdades Adventistas da Bahia

Que papel desempenha a música numa escola adventista?

“O Ministério da Música tem tido um papel de destaque ao longo dos 30 anos de história do IAENE. Desde o seu início, passaram pela Instituição músicos preparados e sintonizados com a Missão da Igreja que muito contribuíram para o crescimento musical e espiritual dos alunos.

O IAENE conta com uma Escola de Música que, além de oferecer o conhecimento técnico da linguagem musical, tem como um dos seus objectivos preparar líderes que possam ser úteis no Ministério da Música nas suas igrejas de origem. Além das aulas de instrumentos musicais e canto, ministradas por professores academicamente qualificados, os alunos de todas as faixas etárias têm a oportunidade de participar dos quatro coros, duas bandas, orquestra jovem, orquestra de violões e conjunto de sinos. Estes grupos, além de participar nas actividades internas do *campus*, têm a oportunidade de viajar por todo o país, pregando o Evangelho através da música e divulgando a Instituição.

O uso da boa música na adoração e nos projectos evangelísticos é também enfatizado no Seminário de Teologia, no qual os futuros pastores recebem conhecimentos práticos e teóricos de como usar a música no ministério pastoral.

Sem dúvida podemos afirmar que o IAENE é uma Instituição que tem a Missão no Coração e os alunos que passam por aqui, saem com a clara noção da importância da música no cumprimento da comissão evangélica dada por Jesus em Mateus 28:19 e 20.”

Dr. Pablo Sanches
Director da Escola de Música das Faculdades Adventistas da Bahia

Que missão abraçam os alunos formados numa escola adventista?

“As experiências que os alunos têm tido na nossa instituição servem de resposta à pergunta sobre que missão abraçam os alunos formados numa escola adventista? Na nossa instituição, os alunos podem ver o envolvimento dos estudantes de teologia no evangelismo integral, com ênfase principalmente no evangelismo público. Isso é contagiante. Todo o entusiasmo que põem em pregar o evangelho àqueles que ainda não o ouviram e em ajudar através de orações e, muitas vezes, com a participação nos programas onde podem exercitar os seus dons espirituais, eles o fazem comprometidos com a salvação de almas e também com a obra da nossa Igreja.

Anualmente, a nossa instituição tem-se empenhado no plantio de 70 novas congregações em locais ainda não alcançados pela mensagem adventista. Ao participarem nesse projecto, eles desenvolvem actividades de responsa-

bilidade social, aprendendo a amar o próximo nas suas diversidades culturais e a suprir as necessidades básicas. Além disso, num ambiente propício à amizade, o educando partilha a sua fé com os seus colegas que ainda não conhecem completamente a verdade presente, tendo como recompensa a alegria de os ver apresentar publicamente as suas novas crenças.”

Dr. Patrick Ferreira
Aluno de Pós-Graduação em Gestão Educacional das Faculdades Adventistas da Bahia, formado em Pedagogia e Teologia



Que razões podem levar os jovens de hoje e os seus pais a optarem por uma educação adventista?

“Acredito que os pais, quando optam pela educação adventista, buscam a diferença existente nas nossas Instituições, que prezam pelos valores de base, pela construção e aperfeiçoamento do carácter dos alunos.

Os jovens, na minha opinião, também estão à procura de valores há tempos perdidos pela sociedade em geral, e encontram tais valores ainda dentro das nossas Instituições. Também muitos percebem a diferença (moral, física e espiritual), que acontece com os que entram em contacto com a ideologia adventista, isto tudo aliado a um ensino de qualidade.

Como aluno que sou da rede adventista desde o secundário até à pós-graduação, o principal factor que me fez continuar dentro da rede adventista foi o facto de encontrar tranquilidade em poder estudar dentro de instituições que passam qualidade e segurança no ensino, mas, sobretudo, que professam a mesma fé em que eu acredito.”

Dr. Marden Mota
Assessor de Marketing e aluno da Pós-Graduação em Gestão Educacional das Faculdades Adventistas da Bahia, formado em Administração de Empresas



REFLEXÕES ACERCA DA OBSERVÂNCIA DO SÁBADO

SIDÔNIO LANÇA

A maior ofensa do inimigo à observância do Sábado não vem através da teologia da revogação, declarando que o dia de Sábado foi dado exclusivamente aos judeus e abolido com a morte de Cristo na cruz. Tal hermenêutica é facilmente desmontada por qualquer honesto estudioso da Bíblia, pois é evidente nas Escrituras que a observância do Sábado se reporta à época da Criação e não a um período mais recente.

Para nós, Adventistas do Sétimo Dia, e para alguns outros crentes, a observância do Sábado bíblico é algo aceite unanimemente e sem discussão. Mas será que compreendemos toda a sua verdadeira dimensão?

Frequentemente, de uma forma ou de outra, as questões levantadas pelos fariseus no tempo de Jesus são hoje retomadas, relativamente ao que é lícito ou não fazer no dia de Sábado. A questão fundamental é esta: a observância do Sábado visa a obrigatoriedade do cumprimento do “mandamento” ou o espírito de celebração do dia que o Senhor separou para santificar?

Cumprir ou celebrar?

Ao examinar o texto de Êxodo percebe-se, desde logo, que a ênfase da observância do Sábado não se centra em padrões de comportamento, mas na prática da sua memória. Ou seja, o Sábado aparece, em primeiro lugar, como um tempo para recordar, confirmar e desfrutar do que significa termos sido criados à imagem de Deus.

Em Êx. 20:8, o termo hebraico “Lembra-te” (*zakar*)² não só significa ‘recordar’ como forma de lembrança, mas é frequentemente traduzido com o sentido de ‘comemorar’ ou ‘celebrar’. Tal como a festa da Páscoa era um memorial³ celebrado em comemoração do maior acontecimento histórico da libertação do povo hebreu, assim o Sábado é o memorial da celebração do poder de Deus na criação.

O Sábado é, assim, um tempo concedido para lembrar o significado da vida, não dependente do que realizamos ou adquirimos, ou sujeito à importância do desempenho dos nossos papéis seja no exercício de uma profissão ou ministério, seja nas nossas interações sociais. É, sim, um período de tempo para ser, não para fazer. Um tempo para relembrar que não somos “executores” (criadores) mas “seres” criados.

Assim como celebramos o nosso dia de aniversário, o Sábado é o tempo de celebrar e apreciar a realidade que Deus criou. Um tempo para descobrir, por experiência própria, a beleza e a variedade, a delicadeza e o poder do Criador. Um tempo para celebrar, qual festa, em que desfrutamos das virtudes da existência e do facto de termos sido concebidos e inseridos numa família de iguais (irmãos), pertencentes a uma mesma comunidade de fé. Esta celebração é tão importante que não se repete só de ano a ano, mas cinquenta e duas vezes por ano, lembrando-nos em cada ciclo semanal quem é Deus, quem sou eu, quem é a minha família e quais as minhas prioridades na vida. O Sábado, visto desta forma, é verdadeiramente um dia de celebração e de boas recordações.

Ele é, também, um período de tempo de regeneração que Deus nos proporciona. Como disse Abraham Heschel há mais de um século, “o Sábado é a dimensão do tempo em que o homem se encontra com Deus. O Sábado é, assim, a oportunidade de restauro das nossas fragilizadas vidas”.⁴ Sendo assim, o que importa perguntar não é o que eu posso ou não fazer no dia de Sábado, mas como posso entrar neste círculo de santidade do dia que o Senhor separou para o usufruto da humanidade.⁵

Um tempo de redenção

Após o Senhor ter livrado Israel da escravatura do Egito, o Sábado passou a ser também um monumento à libertação. “Porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito, e que o Senhor teu Deus te tirou dali com mão forte e braço estendido; por isso o Senhor teu Deus te ordenou que guardasses o dia de Sábado.”⁶

O estatuto de escravo na economia egípcia não lhe dava o direito ao “descanso” regular; tal como hoje a ditadura do trabalho nos tem absorvido numa louca correria. É por essa razão que o Senhor diz “lembra-te”, para que “... o descanso sabático semanal, se observado como devido, mantivesse a memória constante da libertação dos seres humanos da escravatura de um Egito que não se limitaria a nenhum país nem século, mas que incluísse todas as regiões e eras da História da humanidade. Nos nossos dias, a humanidade necessita igualmente de escapar à escravatura que provém da cobiça, da ganância e do poder, da desigualdade social, do pecado e do egoísmo”.⁷ É esta dupla realidade de sermos criaturas de Deus e por Ele redimidos que é confiada à Igreja remanescente como mensagem de refrigério a ser usada e proclamada ao mundo.

Jesus e o Sábado

As duas primeiras acções de cura que Jesus realizou foram num dia de Sábado.⁸ Não é por acaso que Marcos começa o relato do ministério de Jesus mencionando a cura de um possesso num dia de Sábado. Esta intervenção demonstra uma grande intencionalidade da parte de Jesus. Será que este milagre não poderia ter sido adiado para depois do pôr do Sol de Sábado? Parece ser que esta possessão durava já havia algum tempo e não punha em risco eminente a vida deste homem possesso. Tal facto, deixa bem patente a intencionalidade do relato de Marcos: fazer sobressair esta acção deliberada:

Igualmente, em Lucas, a primeira cura de Jesus acontece durante os serviços de culto no dia de Sábado, na Sinagoga de Cafarnaum e, um segundo na mesma tarde, na casa de Pedro, restaurando a saúde da sogra deste. É, no mínimo, curioso notar que nestes e noutros episódios de cura efectuados por Jesus ao Sábado, estão presentes quatro elementos que vão assinalar o verdadeiro sentido do Sábado ao longo do Seu ministério. São eles: a celebração⁹, a libertação¹⁰, a alegria¹¹ e o serviço¹². Jesus não só elevou o Sábado ao seu verdadeiro lugar, no que respeita ao descanso semanal, conforme o mandamento, mas dedicou-o, em simultâneo, à recuperação dos perdidos das garras de Satanás.

A este respeito, Paul K. Jewett faz a seguinte observação: “As curas de Cristo ao Sábado não só são actos de amor, compaixão e misericórdia, mas são verdadeiros ‘actos sabáticos’, actos reveladores de que o Sábado messiânico, aquele descanso sabático prometido no Antigo Testamento, surgiu

no nosso mundo. Por isso, de entre todos os dias, o Sábado é o mais indicado para sanar.”¹³ Por isso, no texto revelado, segundo as palavras do próprio Jesus, aparece a ênfase de que não só é lícito mas fundamental realizar este trabalho,

Celebrando e remindo

São estes argumentos que fazem do Sábado, para Jesus, o dia por excelência para agir em favor da redenção da humanidade em todas as suas dimensões. Em muitas ocasiões,



A missão de Cristo era curar os enfermos, encorajar os desesperançados e levantar o desalentado.

em especial aos sábados e em todos os lugares. “É necessário que eu anuncie a outras cidades o evangelho do Reino de Deus, porque para isso fui enviado.”¹⁴

Há uma importante verdade teológica nesta declaração de Jesus. Ao cessar as suas actividades seculares, o israelita no Sábado celebrava Deus como Criador, mas, ao exercer activamente a misericórdia junto do próximo, estava também a exaltá-l’O e a imitá-l’O como Redentor.

Esta prática deveria ser manifestada entre o povo, mas era muito mais visível entre aqueles que serviam no templo, dando a ideia de que aos sacerdotes lhes era permitido realizar no dia de Sábado os trabalhos proibidos aos demais israelitas. A razão disto é que essas acções tinham, de alguma maneira, uma função redentora. É baseado nesta teologia do Sábado, admitida pelos judeus, que Cristo defende a Sua legitimidade de “trabalhar” em conjugação com o Seu Pai neste dia.

A. Corell ressalta esta relação entre a natureza das obras divinas e o Sábado ao afirmar o seguinte: “Foi, desde logo, apelando à natureza das Suas obras que Jesus fez frente aos judeus quando estes O acusaram de transgredir o Sábado. ‘Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.’”¹⁵ Isto assinala, ainda que a lei de Moisés proibisse que os homens fizessem as suas próprias obras no dia de Sábado, que não era correcto impedir ou adiar a realização das obras de Deus nesse dia. Ele mesmo (Jesus) tinha vindo fazer as obras de Deus... as quais, por terem significado escatológico, pertenciam ao Sábado de um modo especial. A realização destas obras foi um sinal seguro de que o verdadeiro cumprimento do Sábado tinha chegado.”¹⁶

Esta declaração de Jesus alarga a razão de ser do Sábado a duas vertentes, recordando-nos que a criação vincula o Sábado com o Universo¹⁷ e, recolhendo a narrativa do Êxodo, une-o definitivamente à redenção.¹⁸

após a cura, foi Ele procurar mais tarde o homem sarado, para se ocupar das suas necessidades espirituais.¹⁹

Num ambiente religioso legalista, não é difícil perceber o porquê dos Seus inimigos não terem compreendido a natureza redentora do ministério sabático de Jesus. Toldados pelo legalismo, “julgavam pelas aparências”.²⁰ Para eles, o “leito” e o “lodo” mencionados nos acontecimentos do paralítico de Betesda e do cego de nascença, tinham mais importância do que a reabilitação social²¹ e a recuperação da vista.²² Por isso mesmo, Cristo necessitava de actuar veementemente contra os erros da teologia reinante, a fim de poder devolver ao Sábado o seu carácter redentor.

Fica claro que Jesus considerava o Sábado como um dia de cura.²³ Cuidar dos enfermos, física e espiritualmente, é, em princípio, a maneira correcta de observar o Sábado. A forma correcta de usar socialmente o tempo sagrado. Se o sinal distintivo do Sábado é recordar perpetuamente a finalização da obra criadora de Deus, o seu propósito é confirmar a redenção da humanidade caída.²⁴

Neste entendimento, é interessante notar o paralelo que Ellen White estabelece entre o Messias e o actual mandato da Igreja. “A missão de Cristo era curar os enfermos, encorajar os desesperançados e levantar o desalentado. Esta obra de restauração deve ser promovida (pela Igreja) entre os necessitados sofredores da humanidade.”²⁵

Um dia vivido pela Igreja

Em vários dos seus escritos inspirados, a Sr^a White afirma: “O Céu jamais cessa a sua obra de fazer o bem. A lei proíbe de fazermos o nosso próprio trabalho no dia do repouso de Deus. As actividades para a nossa subsistência devem cessar; nenhum trabalho para nossa satisfação pessoal ou lucro deve ser feito nesse dia. Mas o Sábado não deve ser gasto em ociosidade. (...) Ele ordena-nos colocar de lado

as nossas ocupações diárias e dedicar a essas horas sagradas um repouso saudável, para adoração e para boas obras.”²⁶ Se o objectivo dos milagres de Jesus, no dia de Sábado, foi essencial para os seus primeiros destinatários, devia hoje continuar a revelar ao mundo que há uma grande obra a ser realizada em cada Sábado para alívio da humanidade sofredora.²⁷



Conclusão

O Sábado é para nós hoje, e deverá continuar a ser, à luz da revelação, um lapso de tempo separado para celebração e adoração ao Deus criador. Mas deve

ser, simultaneamente, um instrumento posto à nossa disposição aproveitado para servir os outros, para fazermos aquilo que, afinal, nos torna verdadeiramente felizes.

Não temos tempo para servir os outros? Não temos tempo para visitar uma viúva idosa, um amigo solitário ou doente? Não temos tempo para gastar com uma criança que precisa de atenção? Não temos tempo para levar as boas-novas do evangelho a alguém?

Aproveitemos bem o Sábado. Ele dá-nos precisamente o tempo para servir Deus e os outros; o serviço aos outros, serve realmente a Deus e a nós mesmos.³² Qualquer actividade que tenha o propósito de facultar um conhecimento mais cabal do carácter de Deus e das Suas obras, dos Seus caminhos e da Sua vontade, ou ainda que sirva de canal por meio do qual o Seu amor e redenção possam chegar ao coração e à vida dos nossos semelhantes, é uma honra para Deus no Seu santo dia.³³

A celebração, a alegria, a libertação e o serviço são manifestações indissociáveis da verdadeira observância do dia de Sábado. ■

Pr. Sidónio Lança

Responsável pelas igrejas de Santarém, Rio Maior e S. João da Ribeira

Referências

1. Cf. Gén. 2:3.
2. A expressão hebraica *zakar* é traduzida de muitas maneiras no A.T. Segundo os melhores dicionários de hebraico, aparecem pelo menos três grupos de significados: 1) Expressando atitudes mentais, tais como, “recordar” ou “prestar atenção” a algo importante; 2) Também quando essas atitudes mentais dão origem a actos externos com elas relacionados; 3) Descrevendo discursos audíveis com significado, tais como, a “recitação” ou a “invocação”, designando muitas vezes uma festa comemorativa, (Est. 9:28) um registo histórico; um memorial ou uma celebração”. A evidência textual de Êx. 20:8 indica que este terceiro grupo de significados é o mais próximo do sentido da raiz do verbo. Para mais informação sobre a multiplicidade de significados da expressão *zakar*, consultar: Blau, J., “Reste des I-Imperfekts von ZKR, Qal,” VT 11:81-86. Childe, Brevard, “Memory and Tradition in Israel”, SCM, 1962. Richardson, TWB, pp. 142-43. THAT, I, pp. 507-17.
3. Cf. Êx. 12:14.
4. Cf. Abraham Joshua Heschel, *The Sabbath: Its Meaning for Modern Man* (New York: Farrar Straus & Giroux, 1951), p. 18.
5. “E disse-lhes: O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem, por causa do Sábado” (Mar. 2:27).
6. Deut. 5:15.
7. Samuele Bacchiocchi. *Rest for Modern Man*: Nashville, Tennessee Southern Publishing, 1976, pág. 15.
8. Mar. 1:21-23 e Luc. 4:31-39.
9. Cf. Êx.31:16 e Lev. 23:3.
10. Bacchiocchi. *op. cit.*, p. 17 e Luc. 4:19.
11. Cf. *Mishna Tamid* 7, 4. A visão do Sábado como símbolo e prefiguração da era messiânica pôs na sua celebração semanal uma nota de alegria e de esperança no futuro.
12. Cf. Mat. 20:28.
13. Paul Jewett. *The Lord's Day: A Theological Guide to the Christian Day of*

Worship. Grand Rapids, Michigan. Eerdmans, 1971, p. 42.

14. Cf. Luc. 4:43.
15. João 5:17.
16. Cf. Samuele Bacchiocchi, *Rest for Modern Man*, 1976, Nashville, Tennessee Southern Publishing (índice de notas, 26).
17. Cf. Gén. 2:2-3; Êx. 20:11.
18. Cf. Deut. 5:15.
19. Cf. João 5:14; 9:35-38.
20. João 7:24.
21. Cf. João 5:10.
22. Cf. João 9:14.
23. John C. Brunt, *A Day for Healing: The Meaning of Jesus' Sabbath Miracles*, Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1981.
24. Cf. John Rushdoony Rousas, *The Institutes of Biblical Law*, Vallecito, CA: Ross House Books, 1973, volume 1, p. 128.
25. Ellen White, *Beneficência Social*, p. 71.
26. Ellen White, *Vida de Jesus*, p. 74.
27. Cf. Ellen White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, p. 258.
28. Cf. Javier Pikaza e Francisco de la Calle, *Teología de los Evangelios de Jesús*, 62.
29. Cf. 1Ped. 2:9 e também Mat. 5:16; Act. 20:28; Fil. 2:15; Tito 2:14.
30. Cf., Michel Clévenot, *Materialist Approaches to the Bible*, 1985, Maryknoll, New York. Orbis Books, pp. 127-128.
31. Cf., Andrew Davey, *Cristianismo urbano y globalización*, *Sal Terrae*, 2003, p. 120.
32. Cf. Mat. 25:40.
33. Cf. *Comentário Bíblico Adventista*, vol. 4, pp. 345 e 346.

ESCOLA DE FORMAÇÃO



REG. SUL: 19 a 21 de Fev.
Igreja de Portalegre

REG. CENTRO: 26 a 28 de Março
Parque JA da Costa de Lavos

REG. NORTE: 14 a 16 de Maio
**Colégio Adventista de Oliveira
do Douro**

REG. AÇORES: 4 a 6 de Junho
São Miguel

REG. LISBOA: 18 a 20 de Junho
Publicadora Servir

Formulários de Inscrição em:

www.juventudeadventista.pt

inscrição individual € 15,00

GINA LEE

ENCONTRANDO DEUS NO DIA-A-DIA

**Daria testemunho de
maneira diferente se
Deus estivesse ao
seu lado?**

Pergunte a alguém na rua o que é “espiritualidade”, e o mais certo é ficar com os ouvidos cheios. À medida que a nossa cultura fica cansada do materialismo grosseiro e do infundável ciclo de rivalidade no local de trabalho, cada vez mais pessoas se voltam para as noções de espiritualidade para preencher o vazio que sentem no seu interior.

Uma centena de definições de espiritualidade espera pela sua pergunta. Para alguns, é a focagem nas necessidades e emoções pessoais. Para outros, a espiritualidade nem sequer está necessariamente ligada a uma crença em Deus, porque se sentem confortados e apoiados com a vaga noção de que há uma força lá em cima que une todo o Universo. Outros ainda acreditam que ser espiritual é o mesmo que ser religioso. Vão à igreja regularmente; inserem-se num ambiente espiritual; só podem ser espirituais.



À medida que Deus fez o Seu trabalho em mim, cheguei a pensar que a espiritualidade é uma forma de andar com Deus e de ter consciência da Sua presença na minha vida diária. Depois de começar a viagem na Sua companhia, percebi que nunca mais queria ir fosse onde fosse sozinha. Viver e trabalhar na presença de Deus também mudou profundamente a minha compreensão do que significa ser uma testemunha do Seu poder e da Sua graça.

Aqui ficam algumas maneiras como eu descobri Deus no tempo normal.

Encontrando Deus no Local de Trabalho

Ter consciência da presença de Deus no local de trabalho torna qualquer tarefa mais agradável. Quando fazemos o nosso melhor no trabalho, estamos a reconhecer Deus como o autor da excelência, um Pai celestial supremamente criativo e diligente, que se preocupa com a qualidade do trabalho que nos dá a fazer neste mundo.

Quando éramos pequenos, provavelmente tentámos muitas vezes fazer com que a mamã e o papá reparassem em nós. Sentíamos-nos orgulhosos, quando os nossos pais penduravam a nossa última obra de arte no frigorífico. Obter a sua aprovação era, talvez, um dos principais objectivos da nossa jovem vida, e quando éramos elogiados pelos nossos esforços, ainda trabalhávamos com mais ardor.

Mas a Bíblia diz-nos que começamos a nossa vida com a aprovação do Pai, que Ele não espera pelos nossos melhores esforços para abrir os tesouros do Seu afecto. Em vez disso, Ele chama-nos a fazer o nosso trabalho com cuidado e qualidade, porque assim reflectimos os Seus atributos pessoais, provamos que somos, de facto, os Seus filhos amados. Nada O faz mais feliz do que abençoar o filho ou filha que chegam a compreender que a sua vida tem a aprovação divina, e que trabalham para mostrar ao mundo que se sentem orgulhosos de pertencer à Sua família.

Em tempos conheci uma mulher que detestava tanto o trabalho que fazia que se referia a ele sempre como o seu “estúpido” trabalho. A sua responsabilidade era estar sentada em frente de um computador 10 horas por dia, a fazer e a responder a chamadas telefónicas. Tentei dizer-lhe que ela era muito abençoada por ter um trabalho a tempo inteiro, quando tantos outros estavam desempregados. Sendo uma desempregada de longa data, eu terminava sentido feliz com praticamente qualquer tipo de trabalho, mesmo que fosse aborrecido e stressante. Quando encontramos Deus no nosso local de trabalho, passamos a ter uma atitude de gratidão em face do emprego.

Encarar o trabalho como um chamado – como algo que é importante e significativo – é uma forma útil de exercitar a nossa espiritualidade. O trabalho de ensinar crianças ou de cuidar dos doentes é vital, por razões evidentes, mas outros trabalhos, em que o impacto social não é tão visível, também são importantes. Cada um dos trabalhos que tive ao longo dos anos tinha muito significado para mim, porque tentava olhar para lá da minha óbvia necessidade de ganhar dinheiro.

Quando esterilizava tubos de ensaio num laboratório de análises patológicas, pensava nos doentes que dependiam do serviço de sangue para melhorar. Limpar casas de banho como empregada de hotel não tinha muita graça, mas pensava em todos os turistas que brincavam alegremente na piscina, e sabia que o meu trabalho contribuía para que as suas férias fossem agradáveis e relaxantes. Quando trabalhei na facturação de uma empresa que reparava motores de avião, pensava nos passageiros dos aviões e compreendi que o meu trabalho os ajudava a fazer as suas viagens aéreas.

Quando encontramos Deus no nosso local de trabalho, não só melhora o nosso desempenho no que fazemos, mas muitas vezes também damos por nós a sermos mais simpáticos e pacientes para com os nossos colegas de trabalho. Em vez de, simplesmen-

te, aguentarmos empregados difíceis ou um supervisor zangado e exigente, começamos a ver cada dia de trabalho como uma oportunidade para partilharmos o amor que Cristo pregou.

É tão simples como isto: A nossa atitude no trabalho revela a nossa relação com o Pai. Procure sorrir no local de trabalho, mesmo que não se sinta feliz com a situação que está a viver. Sorrir fará com que outros se sintam mais à vontade consigo, e uma atitude positiva, carinhosa atrairá amigos e ajudará muito a conduzir outros a Jesus.

Encontrando Deus em eventos e recados

Consegue encontrar o seu Pai celestial num evento social ou enquanto está a fazer um recado? O Senhor omnipresente pode encontrar-nos em qualquer lugar em que nós consciente e sinceramente O convidemos a estar presente. Ao pensar nas suas opções de lazer, sente-se à vontade com a ideia de que Ele pode encontrar-Se consigo nesses lugares? Ficaria bem consigo mesmo/a ao ver um filme específico se o seu Pai estivesse sentado no assento ao seu lado? Ficaria atrapalhado/a se Ele o/a acompanhasse àquela festa “da pesada”?

Quando convidamos Deus a acompanhar-nos a eventos sociais, naturalmente fazemos melhores escolhas sobre como despender o nosso tempo livre. Se Ele vai connosco às compras na mercearia, somos mais cuidadosos acerca do que compramos. A noção da presença de Deus connosco no supermercado, convida-nos a esperar pacientemente na fila da caixa, a não nos queixarmos da lentidão do/a empregado/a ou de quantos talões de compras um cliente tem. Submetemos os nossos direitos à Sua aprovação e amor e, por isso, não sentimos a necessidade de enfrentar alguém por causa de um lugar de estacionamento. Aprendemos a tratar os desconhecidos com o mesmo respeito com que tratamos os nossos amigos, sabendo que todos dependemos do Seu amor e bondade.

Encontrar Deus enquanto avançamos no nosso dia pode abrir os nossos olhos para a beleza que nos rodeia. Parques na cidade – fragmentos do Seu mundo maior e mais verde – dão-nos a possibilidade de apreciar a criação, obra das mãos de Deus. Olhem de perto para o mundo em que se movem, e encontrarão muitas imagens e sons que despertarão a alegria no vosso coração. Novos olhos e novas atitudes possibilitam que encontremos prazer em coisas que passam ao nosso lado todos os dias, tal como uma montra lindamente decorada ou uma original loja de livros usados. Caminhar com Ele ajudar-nos-á a ver o vulgar com olhos invulgares.

Encontrando Deus em casa

É fácil não sentir a alegria da presença de Deus no meio das rotinas diárias da nossa vida. A maior parte das pessoas não consideraria lavar a louça ou fazer as camas como uma experiência espiritual, mas essas tarefas vulgares são oportunidades regulares para orarmos e meditarmos.

Se foi criado/a numa família em que todos tinham a sua tarefa a cumprir, quando chegou à idade adulta provavelmente as tarefas caseiras tinham-se tornado automáticas. Não é preciso concentrar-nos ao varrer a cozinha: a tarefa é repetitiva, porque já foi feita muitas vezes. Em vez de se preocupar com a coisa que vem a seguir na sua lista de coisas a fazer, tente usar esse tempo para falar com Deus.

Todas as noites tento agradecer a Deus pelas boas coisas que aconteceram durante o dia, mesmo aquelas que me pareceram pequenas e insignificantes. Nos meus dias piores, isso requer esforço, mas ao recordar os acontecimentos do dia percebo que há poucos momentos de felicidade espalhados ao longo dele: um telefonema de um amigo/a, uma história engraçada contada por um/a colega de trabalho, ou momentos de acalmia a ler um livro. Dobrar a roupa e fazer o jantar proporcionam um espaço aberto na nossa vida para agradecer a Deus por termos roupa para dobrar e jantar para

fazer, quando tantas pessoas não têm nenhum deles.

A forma de respondermos às carências e necessidades da nossa família também será profundamente afectada quando encontramos Deus no local onde vivemos. Conheci um homem, um membro de igreja respeitado, que era encantador, divertido e popular onde quer que estivesse. Mas quando estava em casa com a sua família, era uma história dolorosamente diferente. Era rude e raramente tinha uma palavra amável para aqueles que estavam mais próximos dele.

A nossa vida espiritual é a noção consciente da presença de Deus nos acontecimentos e experiências de todos os dias.

Se recordarmos a nós mesmos a presença de Deus no lugar onde passamos a maior parte do nosso tempo, não teremos um conjunto de normas para os de fora e um conjunto de normas inferior para os familiares. O Senhor que adoramos na igreja também está connosco no sofá, na sala. E se nos recordarmos da Sua presença – e O convidarmos – faremos uma pausa e oraremos antes de gritar aos miúdos ou de fazer uma crítica dura ao nosso cônjuge.

Encontrando Deus no culto

Encontramos o Senhor da maneira mais completa quando prestamos culto, reduzindo ao mínimo o corre-corre da nossa vida durante a semana, para nos voltarmos a ligar ao nosso Criador. Mas às vezes – pelo menos simbolicamente – levamos connosco os nossos computadores portáteis e as nossas pastas de trabalho, porque leva tempo a mudar do modo de trabalho para o modo de adoração. Enquanto estamos

sentados na assistência, à espera que o serviço comece, passamos o tempo em contemplação e oração silenciosa, ou estamos a pensar no que vamos fazer para o jantar? Sentimo-nos frustrados com a nossa tentativa de fazermos sair da cama os filhos, de lhes darmos o pequeno-almoço e de os vestirmos para os levarmos à igreja? Estamos a repetir na nossa mente a discussão que tivemos com o patrão na Sexta-feira?

Espiritualidade nunca é sinónimo de ser informal, ou de não planear eventos especiais. Encontrar Deus na igreja também vai exigir planos conscientes da nossa parte. Ter as roupas que usaremos na igreja prontas na noite anterior e uma manhã calma ajudará a que a viagem para a igreja decorra com mais suavidade. Se for necessário, levantar toda a gente meia hora mais cedo compensará o inevitável leite entornado ou as fitas de cabelo perdidas.

Quando entramos na igreja, procuramos deixar para trás o nosso dia-a-dia. Esta é uma oportunidade única para desfrutarmos de companheirismo com o Senhor, a quem encontramos em momentos mais rápidos durante a semana. Na realidade, nem todos os serviços de culto nem todos os sermões tocarão o coração e farão uma impressão duradoura, mas proporcionam-nos um “espaço aberto” na nossa vida, consciente e planeado, no qual podemos focar a nossa atenção nas verdades da Palavra de Deus e elevar o nosso coração acima do corre-corre. O culto é o momento em que praticamos a alegria que desfrutaremos na eternidade.

A nossa vida espiritual não é um canto da nossa existência, mas a noção consciente da presença de Deus nos acontecimentos e experiências de todos os nossos dias. Ele deleita-Se em encontrar-Se connosco no meio do normal e diário, enquanto fazemos planos com Ele para a eternidade e para todas as coisas extraordinárias. ■

Gina Lee

Escritora Freelance, Califórnia

ILHA TERCEIRA-AÇORES

Testemunhos...

De 4 a 16 de Outubro, a convite do Departamento de Publicações da nossa União, tive o prazer de acompanhar os nossos irmãos Colportores, Américo Silva, Carlos Jales, Pedro Pinto e Manuel Martins, para realizar na Ilha Terceira mais uma Campanha das nossas publicações.

Durante quinze dias, com muitas saudades das nossas esposas e filhos, percorremos a ilha, de ponta a ponta, levando a mensagem de Jesus através da página impressa.

Ao chegarmos ao apartamento, onde estivemos instalados durante a campanha, tivemos todas as noites momentos muito ricos, onde partilhámos as nossas experiências.

“Ao visitar, em Angra, uma assinante d’O Nosso Amiguinho, quando a senhora me disse que ia desistir eu perguntei qual o motivo. A senhora começou a contar a sua história, feita de dor e sofrimento.

Disse-lhe que existe alguém que também sofre com ela, que Se preocupa com ela. Esse alguém é Jesus.

Disse-me que não queria nada com Deus, porque Ele a abandonou.

Procurei dizer-lhe que Deus nunca nos abandona. Ele está sempre ao nosso lado, mesmo nos momentos de dor, causada por Satanás, porque Deus deseja a felicidade para todos nós. A senhora chorou. Aconselhei-a a recorrer a Deus para suportar a perda do marido.

Naquele momento, senti que a senhora estava muito comovida. Eu próprio estava comovido com o seu sofrimento. Falei-lhe do quanto a sua filha precisava dela. Quando me disse que teve ocasiões em que pensou em tentar o suicídio e que não o fez pela sua filha, senti um arrepio.

Sugeri que, ao deitar-se, fizesse uma oração a Deus, que pedisse paz para a sua vida e a força

necessária para continuar. Mais uma vez chorou...

Ao despedir-me ofereci-lhe o livro *Parábolas do Mestre*, para que o lesse à noite antes de dormir... Agradeceu-me...

Nesta Campanha, senti o quanto é importante o nosso trabalho, consolar os que sofrem, sermos ‘embaixadores’ de Deus nesta Terra.”

Pedro Pinto

Também durante a campanha, no Sábado, tivemos a visita do Departamental de Publicações, o irmão Artur Guimarães, no dia dedicado às Publicações, que teve a seu cargo o culto na Igreja de Angra de Heroísmo e a reunião de testemunhos na Igreja da Praia da Vitória.

Álvaro Bastos
Colportor-Evangelista



LAPI NORTE - CAOD

Convívio

Foi com muita alegria que os idosos do Lar Adventista de Avintes aceitaram o convite do Colégio Adventista de Oliveira do Douro para juntos recordarmos o Dia dos Avós.

Durante o convívio, tivemos a participação de muitos alunos do CAOD. Começámos com a participação musical de diversas turmas dos alunos mais novos. Posteriormente, tivemos também a apresentação oral de alguns trabalhos realizados pelos alunos mais velhos, nos quais apresentaram alguns temas relativos ao idoso (um idoso é uma pessoa valiosa porque...; posso fazer um idoso feliz...; quando eu não for jovem...).

Agradecemos ao CAOD pelo convite que nos fez e por todo o carinho e dedicação que tiveram em preparar este programa, que foi muito apreciado pelos idosos do LAPI.

Cátia Ribeiro



CANELAS

Ministério da Mulher 2009 em Acção

O Ministério da Mulher da Ig. de Canelas foi dirigido em 2009 por duas directoras e duas secretárias.

Canelas é uma igreja com muitos ministérios, sendo necessária uma boa coordenação interna das actividades, bem como a criação de parcerias para que todas as actividades se realizem ordenadamente.

O M.M. ao longo deste do trimestre trabalhou em parceria com o Departamento de Evangelismo e com o Departamento de Jovens.

A nossa primeira actividade foi desejar um Bom Ano de 2009 a toda a igreja com a oferta de um marca-páginas, com alguns textos bíblicos que, em diversas situações, poderiam ser úteis ao longo deste ano.

O M.M., Sábado após Sábado, fez a recepção a todas as visitas com oferta de algumas lembranças, bem como a entrega do Boletim Informativo a todos os membros da igreja e visitas.

No fim da Semana de Oração de Jovens, o M.M. organizou um almoço para toda a igreja. A organização deste almoço foi um pouco inovadora, pelo menos na nossa igreja. Se, como igreja, defendemos uma alimentação saudável e temperante, devíamos mudar os moldes destes almoços. A mudança consistiu na criação de uma ementa e na abolição das sobremesas doces, tendo apenas como sobremesa fruta variada.

O M.M. 2009 deu continuidade ao Curso de Culinária Vegetariana, já iniciado há dois anos, em parceria com o Departamento de Evangelismo. Este ano, as sessões foram organizadas por ingredientes e serão no total seis, uma por mês. A média de visitas foi de 20, num total de 54 visitas.

Conjuntamente com os Ministérios da Criança e Evangelismo, a Escola Cristã de Férias 2009 foi realizada numa E.B.1 da freguesia vizinha de Arcozelo, onde temos um núcleo de DESBRAVADORES desde 2007. Esta E.C.F. teve uma média de 50 crianças de idade de A.T.L. por dia, com interessados para o Clube de Desbravadores.

O Dia de Oração da Mulher, 21 de Março, também



foi um dia especial e esta direcção assumiu o programa de Sábado de manhã, pretendendo ajudar toda a igreja a consolidar a sua comunhão com Deus através da oração, da adoração, do louvor e de uma entrega total nas Suas mãos.

Na igreja de Canelas, para responder a uma necessidade sentida, o M.M. criou a Confraternização dos 40, que é realizada uma vez por trimestre. Esta confraternização consiste na criação de algum tempo de lazer, convívio e diálogo para as faixas etárias acima dos 40 anos, pois as outras estão abrangidas pelos clubes de Desbravadores.

Estas foram as actividades exercidas com todo o carinho e dedicação e com muito auxílio do nosso Deus, o que levou a que tenham vindo a dar fruto.

Sandra Ferreira

Ministério da Mulher de Canelas 2009

O Clube de Rebentos da Igreja de Canelas

“Os Rebentos” é a nova secção dos Desbravadores Adventistas em Portugal. Corresponde à faixa etária dos 3 aos 6 anos, que precede os Tições. É novidade para todos e foi propósito que se abrisse este novo clube nos Desbravadores de Canelas neste ano de 2009, uma das Igrejas escolhidas para este grande início em Portugal.

Foram escolhidas três dirigentes com o perfil mais adequado a esta tarefa. A Graça Vasconcelos, mãe; e a Sandra Silva, auxiliar de educação e a Cristiana Ferreira, professora de Educação Física. Como responsável pelo novo Clube dos Rebentos, a Cristiana foi questionada sobre este novo Clube, ao que respondeu:

“O Clube dos Rebentos da IASD de Canelas, teve início em Janeiro de 2009. O Clube é constituído por oito elementos inscritos. Desde Janeiro, até à data, tentámos reunir todas as crianças uma vez por mês. Contudo, nem sempre foi possível.

Uma vez que estamos perante um novo projecto e, não havendo temas concretamente definidos para abordar, para o presente ano, a direcção dos rebentos, em consenso, expôs o tema da Criação. Esta opção tem como objectivo, primeiramente, demonstrar o Amor de Deus, através da Criação. Consequentemente, pretende-se que cada criança interiorize a importância de cuidar de tudo aquilo que Deus colocou à nossa disposição. Aprender a cuidar e preservar a Natureza são objectivos a alcançar até ao final deste ano.

A cada reunião é escolhido apenas um dia da Criação, ordenadamente, para abordar. A reunião tem início com uma oração, seguida de uma breve meditação acerca do tema. Posto isto, são concretizados trabalhos práticos alusivos ao tema.”

Que esta experiência motive outros Desbravadores de outras igrejas a nível nacional a darem início aos seus Clubes dos Rebentos!

Marina dos Santos Rocha – Departamento de Comunicação
Cristiana Ferreira – Dirigente dos Rebentos de Canelas



SINTRA

Seminário de Iniciação à Nutrição Vegetariana em Mem Martins

Numa parceria da AIT – Associação Internacional de Temperança, com o apoio dos Amigos pela Saúde da Igreja Adventista de Sintra (voluntários), e da RCS – Rádio Clube de Sintra, na divulgação e transmissão em directo, realizou-se, de 14 a 18 de Novembro de 2009, mais um Seminário de Iniciação à Nutrição e Cozinha Vegetariana, no Centro Comercial Átrium Chaby, em Mem Martins, Sintra.

Com apresentação do Dr. Alberto Pereira da Silva e da professora Natividade Lopes Quintino, este Seminário excedeu todas as expectativas, a todos os níveis, pois prevíamos no máximo 60 pessoas e ultrapassámos as 80 inscrições, não contando, como é lógico, todos aqueles que acompanharam as cinco noites do evento através da Rádio Clube de Sintra em 91.2 FM e pela Internet, com som e imagens em directo em www.radioclubedesintra.pt.

Numa noite em que a Selecção de Futebol Portuguesa estava a jogar e o jogo a ser transmitido em directo na televisão, admirámo-nos de ver muitos homens na plateia deste Seminário de Nutrição desejosos de aprender.

Estávamos preocupados com o êxito do evento, porque nunca tínhamos realizado um programa deste género em espaço aberto, (no átrio de um centro comercial), com pessoas a circular pelas lojas a poucos metros de distância. Este factor acabou por reverter a nosso favor, já que as pessoas paravam, ficavam a escutar durante algum tempo e inscreviam-se.

Para esta actividade contámos com o patrocínio de quatro entidades, que disponibilizaram meios e materiais, e às quais agradecemos a preciosa participação.

Colaboraram neste evento trinta voluntários da Igreja Adventista de Sintra, confeccionando os alimentos, além de quatro da Igreja Adventista de Queluz que ajudaram na recepção. A todos agradecemos pelo esforço e excelente trabalho realizado.

Vamos dar continuidade ao trabalho com outros programas, pois assim foi solicitado pelas pessoas inscritas, após o evento.

Vitor Pena

Coordenador do Seminário de Nutrição
Locutor da Rádio Clube de Sintra



FUNCHAL

Baptismos

Foi com grande alegria que, no passado dia 21 de Novembro, a Igreja do Funchal viu cinco dos seus jovens descerem às águas baptismas.

O Diogo, o Duarte, a Vânia e a Sara frequentam a Igreja praticamente desde que nasceram, o mesmo não acontecendo com a Letícia, prima da Vânia, que começou a frequentar a Igreja com doze anos, nomeadamente no Clube dos Desbravadores. Todos responderam ao chamado do Senhor e entregaram a sua vida a Jesus.

Juntando-se a este grupo de jovens, desceram também às águas baptismas Luciano de Souza e o casal Desidério e Inês Alves, fruto do trabalho evangelístico desenvolvido na cidade de Machico.

O Luciano é brasileiro, tem 27 anos e vive em Machico, com a esposa Elisabete, que é madeirense. Este simpático casal tem um filho, o Diogo. O Luciano interessou-se pela mensagem adventista ao assistir na Internet a vídeos evangelísticos do ministério Adventista do 7º Dia americano “Amazing Facts”. Depois, começou a frequentar as igrejas Adventistas do Caniço e Machico e a estudar a Bíblia com o pastor, e pediu o baptismo.

O casal Desidério e Inês Alves têm, os dois, 46 anos. Depois de terem buscado a verdade durante anos, encontraram no chão, na cidade de Machico, um folheto com o contacto do grupo de Machico. Telefonaram para esse contacto e falaram com a mulher do pastor que os convidou a encontrarem-se com este. Depois de concluírem um curso bíblico, pediram o baptismo. Diz a Inês: “Sinto-me muito feliz quando vou à Igreja.”

Ao receberem estes novos membros da família de Deus, a igreja do Funchal e o grupo de Machico oram ao Senhor para que os abençoe e dirija sempre.

Helena Romba

Departamento de Comunicação

PORTO

Adormeceu no Senhor

Faleceu, no passado dia 22 de Dezembro de 2009, a nossa irmã Dorinda Rodrigues da Silva, mãe dos nossos irmãos José Fernando Oliveira e Ana Rosa Garrido.

A irmã Dorinda saudava-nos sempre com um grande sorriso. Era um sorriso que transmitia paz, tranquilidade e felicidade. Foi também muito solidária com a Igreja, com o CAOD e com o Lar Adventista. Foi um grande exemplo para cada um de nós.

Crente fiel e firme nas promessas de Jesus, aguarda o dia da Ressurreição, quando ouviremos dizer: “Vinde benditos do meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do Mundo.”



Álvaro Bastos

Dep. Rel. Públicas da IASD do Porto

"Não, Não Consigo"?



CALÇANDO OS SAPATOS DE MOISÉS

Um slogan presente na campanha presidencial de 2008 nos Estados Unidos cativou o sentimento dos americanos, suscitando sentimentos positivos para vencer obstáculos: “Yes, we can!” (“Sim, podemos!”). Achei a situação intrigante, dada a tendência humana geral para o derrotismo, uma tendência frequentemente encontrada até mesmo nos círculos cristãos.

Quando Deus tem uma tarefa para si, para mim, qual é a nossa resposta? É “Sim, consigo”? Ou é “Não, não consigo”?

O trabalho de Moisés era guardar o rebanho de Jetro, o seu sogro. Mas Deus tinha outra tarefa para ele e chamou-o do meio de uma sarça ardente.

“Quero enviar-te ao faraó”, disse-lhe Deus na realidade. “Quero que libertes os filhos de Israel e que os tires do Egípto.” Mas Moisés lutou para se livrar da responsabilidade. Em resumo, ele disse: “Não consigo fazê-lo.”

E a sua lista de desculpas era típica: É um trabalho demasiado grande; o povo não vai acreditar em mim; não sou eloquente; sou lento a falar e gaguejo; Tu precisas de um orador competente e persuasivo.

De certa forma, não nos ouvimos a nós mesmos a falar na história de Moisés? Podemos dizer que Deus não nos chamou para uma posição “elevada” ou para uma qualquer outra posição proeminente de liderança. Talvez não, mas a história de Moisés é pertinente e relevante para todos nós, porque Deus tem uma tarefa para cada um de nós. Algures debaixo das estrelas Deus tem um trabalho para si e para mim. Estamos a ouvir? E qual é a nossa resposta? É “Não, não posso”? Seremos especialistas em desculpas plausíveis?

Quando a tarefa parece esmagadora

A maior parte de nós somos muito bons em encontrar desculpas. Talvez percebamos que uma função tem de ser preenchida, uma missão cumprida, uma situação respondida. Mas, então, recuamos, saímos da arena onde se passa a acção. “Eu não; não sou capaz.” “É muito difícil, muito grande, exige demasiado tempo!”

Os tempos podem ser difíceis (como são agora), por isso acusamos os tempos. Mas o que estamos realmente a fazer, muito frequentemente, é a arranjar desculpas. Talvez sejamos muito educados e peçamos desculpa por não aceitarmos um convite para servir. Mas tudo isso é uma forma de derrotismo. Muitos de nós aprendemos em criança que, se não nos exercitarmos e nadarmos, nos afundaremos. “O medo é um empecilho para todas as virtudes”, diziam os romanos.

Os nossos sentimentos de incapacidade são, sem dúvida, muitas vezes reais; e os sentimentos de incompetência de

do mundo. Moisés conhecia o poder e a glória do Egípto. A certa altura, ele tinha estado perto de ocupar o trono do faraó, e não tinha ilusões quanto às dificuldades da liderança política, militar e religiosa. Agora era um homem de família e estava feliz por se encontrar nos bastidores. Por que razão haveria ele de se arriscar a ser impopular? Na verdade, ele disse a Deus que estava a falar com a pessoa errada.

Muita desta maneira de pensar é, afinal, uma forma de escapismo, a que falta tanto validade como direcção. Deus cria os seres humanos para que eles possam sentir-se realizados ao avançarem na direcção da realização de um propósito. Todos temos um destino. Todos temos algo a acrescentar ao esquema total do Universo. Se isso for negligenciado, o protótipo sofre, o padrão fica estragado, e corremos o risco de falharmos as maiores alegrias e oportunidades da vida.

O sucesso obtém-se com a participação activa, não só com a observação. Deus chamou Moisés para participar num grande movimento de libertação e para responder a uma necessidade humana gritante. Deus tinha visto a aflicção e ouvido o clamor de opressão do Seu povo, tal como faz ainda hoje. Ao recusar participar, Moisés estava a bloquear o poder e a criatividade de Deus na sua própria vida. Temos de perceber que, em Deus, o nosso potencial é ilimitado. Ellen White diz-nos que Cristo vê em cada ser humano “possibilidades infinitas”, ao sermos transformados pela ilimitada graça de Deus (*Educação*, p. 80). Disseram-me que as nossas células nervosas cerebrais têm o equivalente a 2 elevado a 100 (2¹⁰⁰) de combinações de ligações possíveis.

Assim, temos sobre os nossos ombros um meio com o qual podemos explorar o Universo e participar na acção criadora e redentora de Deus.

Sabemos que, por fim, Moisés aceitou o chamado de Deus para ser líder. E o pastor de ovelhas tornou-se o vidente, o construtor da nação, o “servo de Deus”.

Cinco pontos a ter em conta:

1. O êxito de Moisés não dependia de quem ele era nem do que tinha, mas do que ele podia receber e tornar-se. Nunca precisamos de trabalhar para Deus apenas com as nossas forças limitadas. Deus garantiu a Moisés: “Eu serei contigo” (Êx. 3:12). Quando Deus perguntou a Moisés o que é que ele tinha na mão, Moisés respondeu “um cajado”, apenas um pedaço de madeira seca. Mas Deus garantiu a Moisés que esse pedaço de madeira se tornaria um poderoso instrumento para libertar Israel.

Por vezes, podemos sentir que não passamos de um pedaço de madeira seca. Mas, quando deixamos que o poder de Deus flua através da madeira seca que somos, ela toma

RESPONDENDO AO CHAMADO DE DEUS.

Moisés eram indubitavelmente genuínos. Ele percebia que o chamado de Deus envolvia uma missão gigantesca – libertar os seus compatriotas do regime mais poderoso e opressivo

vida e torna-se um instrumento de poder que consegue. O esforço humano galvanizado pelo poder divino é igual a “Sim, com Ele eu consigo”.

2. Moisés podia, porque tinha recebido um “companheiro de armas”. O companheirismo a nível humano vem a seguir ao do nível divino. Moisés recebeu um ajudador e um amigo, nomeadamente, o seu irmão, Aarão. A mão encorajadora de um amigo (neste caso um irmão) pode fazer maravilhas, e foi por isso que Jesus enviou os discípulos dois a dois. O trabalho de equipa e o companheirismo tornam as cargas mais leves. O *slogan* da campanha era “Sim, nós podemos”, não “Sim, eu posso”. E se isso resultou na arena política, ainda mais deve ser tido em conta na vida espiritual.

3. Moisés podia, porque se manteve firme na fé, sendo incluído em Hebreus 11 entre os heróis da fé. O que conseguiu foi “pela fé” – não pelo seu génio; não pelas suas capacidades legislativas ou intelectuais; não devido à sua personalidade carismática. Foi pela fé que ele pôde dizer, na verdade, “Sim, nós podemos atravessar o Mar Vermelho e o deserto; sim, podemos entrar na Terra Prometida e possuí-la”.

Em Mateus 24, Jesus diz-nos que o perigo dos últimos dias será um frio paralisante e a perda da fé. Então quem se salvará? Serão salvos os homens e mulheres cuja fé ficar firme até ao fim.

Moisés ficou firme até ao fim. Não deve ter sido fácil. Durante quatro décadas, a ambição da sua vida tinha sido levar o seu povo através do Jordão e introduzi-lo na Terra Prometida. Mas, quando finalmente ele se encontrava na fronteira, Deus disse-lhe: “Não podes atravessar.” Uma fé menor teria, provavelmente, caído por terra. Mas Moisés aguentou a prova. E cerca de 1500 anos mais tarde, ele teve o privilégio único de estar com Jesus no Monte da Transfiguração – na Terra Prometida!

4. Moisés podia, porque Deus o tinha imbuído com um sentido de missão e de propósito, mostrando ao Seu servo que este não estava a lidar apenas com filosofia abstracta ou com um simples ideal moral. “Assim diz o Senhor Deus de Israel: Deixa o Meu povo ir” (Êx. 5:1) era como dizer a faraó: “Sim, nós podemos, quer te agrade quer não.”

Quando nos sentimos tentados a dizer “Não consigo”, em vez disso deixemo-nos absorver pelo trabalho de uma grande missão – a tarefa de educar, de curar, de defender e de proclamar. Já não precisamos de dizer “Não consigo” – não, porque fomos redimidos; porque a nossa vida está a tornar-se mais ampla com cada vez maiores possibilidades.

Um sentimento de propósito também ajuda a vencer a oposição e a crítica. Aqueles que não conseguem, e que, portanto, não têm nada a fazer, farão da vossa actividade o seu alvo. Moisés foi muito criticado, tanto abertamente como em segredo. Até mesmo a sua própria família, por vezes, se queixava e conspirava contra ele. Essa também pode ser a

nossa experiência. Mas aqui temos o seguinte, escrito por Ellen White: “Levantar-nos em defesa da verdade e da justiça quando a maioria nos abandona, combater as lutas do Senhor quando os campeões são poucos – esse será o nosso teste” (*Testemunhos para a Igreja*, vol. 5, p. 136).



MOISÉS FICOU FIRME ATÉ AO FIM. NÃO DEVE TER SIDO FÁCIL.

Superar o teste do “Sim, podemos” requererá um sentimento de missão, uma visão desanuviada e esperança.

5. Moisés podia, porque tinha uma perspectiva de longo alcance. Um sentimento de missão abençoado por Deus permite-nos ter perspectiva – uma perspectiva do outro mundo. As pessoas tendem a ser limitadas por um sentimento de imediatismo. Os Adventistas estão envolvidos na questão das perspectivas, visualizando horizontes distantes mas que se aproximam.

Quando Deus confrontou Moisés, colocou à sua frente horizontes distantes. Moisés avançou olhando para o horizonte da eternidade, recusando ser chamado filho da filha de faraó – recusando, por outras palavras, aceitar a visão próxima, imediata.

Era o Dia de Ano Novo, há muitos anos, e eu estava a visitar, pela primeira vez, a Sala das Múmias, no famoso Museu do Cairo. Vi múmias de muitos faraós, incluindo Ramsés II, o carrasco dos escravos hebreus e, possivelmente, o faraó do Êxodo. Olhei à minha volta, mas não vi nenhuma múmia de Moisés. Porquê? Porque ele tinha tido uma visão mais clara, mais ampla. Recusando os pequenos e passageiros “prazeres”, ele “ficou firme, como vendo o invisível” (Heb. 11:25-27).

A mensagem das silenciosas múmias egípcias era “Não conseguimos”. A mensagem de um Moisés ausente foi “Sim, conseguimos” – pela fé. ■

Bert B. Beach

Antigo director de Relações Públicas e Liberdade Religiosa da Conferência Geral dos ASD

É O FIM, MEU AMIGO!

“Uns dizem que o mundo vai acabar em fogo; outros dizem que em gelo...” – Robert Frost

Geralmente, não pensamos nas leis da física como sendo deprimentes, mas a segunda lei da termodinâmica está muito perto de o ser. Na versão mais simples afirma que o calor passa de quente a frio, e nunca ao contrário.

Vemos isso constantemente. O calor numa tigela de sopa quente vai da temperatura mais elevada para a mais baixa, da sopa para o ar da sala. Um cubo de gelo metido num copo de água acaba por se derreter porque o frio (o cubo de gelo) se move apenas para a parte mais quente daquilo com que entra em contacto (a água). É tão provável o calor fluir espontaneamente do frio para o quente como seria as gotas de chuva subirem espontaneamente do solo para as nuvens.

O que é que há de deprimente nesta segunda lei da termodinâmica? Segundo a Ciência, esta lei é verdadeira para o Universo, o que significa, dizem-nos, que o cosmos está a morrer. O nosso Sol, tal como acontece com inúmeros outros milhões de sóis, está constantemente a espalhar calor pelo Universo, sem nunca o recuperar. Esse calor acabará por se distribuir de forma equitativa pelo cosmos (como os cubos de gelo num jarro de água), uma situação a que se chama, inocuamente, “equilíbrio termodinâmico”. Quando o “equilíbrio termodinâmico” se der no Universo, chama-se a isso a morte do calor cósmico, ou, em termos mais coloquiais, o Grande Congelamento.

“O Universo”, escreveu o físico Paul Davies, “actualmente brilhante com a prolífica energia nuclear, acabará por exaurir essa valiosa fonte. A era da luz terminará para sempre.”

Embora os cientistas concordem com a segunda lei da termodinâmica, nem todos pensam que ela será o nosso “toque a finados”. Alguns dizem que, em vez disso, será a gravidade a provocar o apocalipse cósmico. Segundo esta teoria, embora o Universo esteja em expansão, a taxa de expansão não é suficientemente forte para contrariar a força da gravidade. E a expansão acabará por reduzir a sua velocidade, parar e, então, o Universo começará a desmoronar-se sobre si próprio. O desmoronamento continuará até que todo o Universo termine num ponto de massa e energia demasiado pequeno para conter um próton. É o Grande Esmagamento.

Outra teoria especula que toda a matéria do Universo – desde as galáxias até às partículas subatómicas – vai ser esfrangalhada e deixada em farrapos inúteis. É o Grande Rasgão.

Grande Congelamento, Grande Esmagamento, Grande Rasgão... de acordo com a Ciência, as nossas perspectivas a longo prazo não são nada boas.

É evidente que a Bíblia apresenta perspectivas a longo prazo radicalmente diferentes. Fala de Deus a criar “novos céus e nova Terra” (Isa. 65:17). Vezes sem conta, a Bíblia promete “vida eterna” (Mat. 25:46; João 3:15; 17:3; Actos 13:48; Tito 3:7; Rom. 2:7; 5:21; 1 João 5:13). O livro de Daniel, entretanto, declara que Deus vai criar um reino, e “o Seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o Seu reino *o único que não será destruído*” (Dan. 7:14) – nem por um Grande Congelamento, nem por um Grande Esmagamento nem por uma Grande qualquer coisa. Será eterno.

E embora Paul Davies avise que a “era da luz terminará para sempre”, o livro de Apocalipse ousa dizer diferentemente. “Não haverá mais noite e não necessitarão de lâmpada, nem de luz do sol, porque o Senhor Deus os alumia; e reinarão para todo o sempre” (Apoc. 22:5).

O problema é que essas teorias cosmológicas procedem todas de uma aparente aceitação *a priori* do materialismo ateu. O Universo é tudo o que existe ou que poderia existir. Não há lugar para Deus ou para o sobrenatural – uma premissa que nos ajuda a explicar por que razão eles vêem as coisas de forma tão errada.

E daí tiro uma humilde pergunta: Se a Ciência actual está tão errada acerca do nosso fim, o que é que nos leva a pensar que esteja melhor em relação ao nosso começo? ■

Clifford Goldstein

Editor das Lições da Escola Sabatina de Adultos



VIAGEM À 59ª CONFERÊNCIA GERAL



30 DE JUNHO A 11 DE JULHO

ATLANTA / ANDREWS UNIVERSITY / BATTLE CREEK / WASHINGTON

NOVA IORQUE E OUTROS LUGARES INTERESSANTES DA HISTÓRIA ADVENTISTA



PREÇO INCLUI: PASSAGEM AÉREA, AUTOCARRO COM AR CONDICIONADO, ALOJAMENTO EM QUARTO DUPLO EM HOTÉIS OU EM ESCOLAS ADVENTISTAS, PEQUENOS-ALMOÇOS, JANTARES, VISITAS E TAMBÉM ASSISTA AOS ÚLTIMOS DIAS DA 59ª CONFERÊNCIA GERAL EM ATLANTA.

VENHA CONNOSCO, INSCRIÇÕES LIMITADAS A 50 PARTICIPANTES

**Para mais informações Contactar: Pr. António Rodrigues; 919484458, 965376070
e-mail: antonio.rodrigues@adventistas.org.pt**